

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

**A PROSTITUIÇÃO ATRAVESSA FRONTEIRAS:
TRÁFICO DE MULHERES BRASILEIRAS NA MÍDIA IMPRENSA.**

GISELE MERIZ

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2013.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

**A PROSTITUIÇÃO ATRAVESSA FRONTEIRAS:
TRÁFICO DE MULHERES BRASILEIRAS NA MÍDIA IMPRENSA.**

GISELE MERIZ

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em História junto ao Programa de Pós- Graduação em História (PPGH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Orientadora Professora Doutora Gláucia de Oliveira Assis.

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2013.

**A PROSTITUIÇÃO ATRAVESSA FRONTEIRAS:
TRÁFICO DE MULHERES BRASILEIRAS NA MÍDIA IMPRENSA.**

Esta dissertação foi julgada para obtenção do título de mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação.

Banca examinadora

Professora Dra Gláucia de Oliveira Assis/UDESC . Orientadora e Presidente.

Professor Dr Emerson César de Campos/ UDESC

Professora Dra Denise Cogo / Unisinos-RS

Professora Dra Sílvia Maria Fávero Arend / UDESC (suplente)

FLORIANÓPOLIS, 13 DE SETEMBRO DE 2013.

RESUMO

Nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do XXI os fluxos migratórios brasileiro apresentaram outras questões para aqueles que almejavam viver em outras partes do mundo. Além do surgimento de novos pontos de partida, há ainda o aparecimento midiático de novos problemas que envolvem a migração de longa distância como, por exemplo, o tráfico internacional de mulheres com fins na exploração sexual. Essa temática é bastante complexa para a sociedade de destino e de origem da migrante, pois as notícias veiculadas afirmam um tipo de migração que pouco a pouco vai tomando uma configuração singular no campo social e atribuindo a migrante uma rotulação generalizada. Essa pesquisa pretende perceber como as migrantes brasileiros em especial aquelas que partem da cidade de Goiânia e região, são retratadas em duas mídias impressas, o jornal Correio da Manhã, de circulação nacional, em Portugal e o jornal O Popular, de circulação local, em Goiânia. Os dados para esta pesquisa foram coletados em duas etapas. A primeira, relacionada ao jornal Correio da Manhã, por meio do *website* do jornal. A segunda etapa, relacionada com o jornal O Popular, por meio do trabalho de campo na cidade de Goiânia no Centro de Documentação da empresa que faz a distribuição do periódico.

PALAVRAS-CHAVE: Migração Internacional. Tráfico Internacional de Mulheres. Periódicos

ÍNDICE

Introdução.....	06
Capítulo 1	
Tráfico de mulheres migrantes na imprensa portuguesa.....	24
Capítulo 2	
Goiânia na rota do tráfico internacional de mulheres.....	50
Considerações Finais.....	73
Referências bibliográficas.....	77

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação foi a de analisar como as mulheres migrantes brasileiras em Portugal, em especial as goianienses e região, são vistas e representadas na mídia impressa, portuguesa e brasileira, no que tange as questões de vitimização e criminalização da migração feminina e o tráfico internacional de pessoas, com fins na exploração sexual.

O fenômeno migratório está sempre em voga nas mídias, sejam elas impressas, televisivas ou até mesmo no ciberespaço. As notícias veiculadas geralmente não são contextualizadas, as informações são pontuais, segmentadas e deste modo ocorrem distorções. Logo, pode-se dizer que as informações divulgadas e institucionalizadas nos meios de comunicação em massa influenciam as normas de conduta social, valores, comportamentos e criam imagens e representações do individual e do coletivo.

No contexto histórico do fluxo migratório de brasileiros para Portugal, intensificado a partir de 1980, os estudos de Pontes (2004), Silveirinha & Cristo (2004), Carvalho (2007) e Pinho (2007) sinalizam que as mulheres brasileiras estão atreladas a sensualidade, onde raramente participam da construção midiática de suas identidades, pois são vistas como uma ameaça, devido sua condição de ilegalidade, prostituição (inferiorização sexualizante) e do tráfico internacional de pessoas.

Assim, os objetos de estudo desta pesquisa são os jornais *Correio da Manhã* editado em Portugal e *O Popular* publicado em Goiânia, escolhidos por serem os principais meios de comunicação em massa em suas respectivas regiões. Os anos estudados estão compreendidos entre 2000 a 2012. O período histórico foi selecionado porque no ano de 2001 os EUA acirrou o controle e vigilância das fronteiras após o atentado terrorista ao World Trade Center em Nova York, fazendo com que parte do fluxo migratório brasileiro mudasse o destino rumando para a Europa, principalmente para Portugal e Espanha. Outro fator importante foi à consolidação do euro enquanto moeda valorizada frente ao dólar e o real. A data fim dessa pesquisa está relacionada à crise financeira na zona do euro, principalmente na porção meridional do continente, provocando uma alta taxa de desemprego e recessão.

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa vem do desejo de tomar conhecimento sobre o universo que cerca o tráfico internacional de pessoas, principalmente o de mulheres¹ com fins na exploração sexual.

Quando estudante do Ensino Médio buscando atualidades para a prova de redação do vestibular, deparei-me com uma revista da *National Geographic* de setembro de 2003. A revista trazia reportagens sobre pessoas, na grande maioria mulheres, que haviam se tornado mercadorias no submundo. As pessoas eram usadas em trabalhos ilegais, vendidas, mantidas em cativeiro, agredidas e exploradas laboral e/ou sexualmente. Foi difícil acreditar que em pleno século XXI havia pessoas nessas condições e mais difícil ainda aceitar que várias pessoas viviam apenas com pouco mais de liberdade que os escravos brasileiros do período colonial. A reportagem apresentava pessoas pobres e sem poder político e social que sacrificavam suas vidas, sua dignidade, seus filhos e seus corpos em nome de um mercado global, com sede de “lucro desumano²”.

Em outra reportagem, na mesma revista, realizada por Andrew Cockburn³, o tema era: “Escravos do século XXI”. Ali, estava contida a história de pessoas que foram compradas e vendidas, mantidas em cativeiros, agredidas e exploradas. Para a Organização das Nações Unidas (ONU) “as vítimas são usadas em trabalhos forçados como servidão doméstica e trabalho sexual⁴”.

Por meio de fotografias Cockburn revelava mulheres que haviam sido compradas, na Moldávia e na Ucrânia, por quatro mil dólares cada para servirem de prostitutas em Israel. Para os traficantes um ótimo negócio, pois o corpo de uma mulher pode ser revendido incontáveis vezes.

Outra imagem, desta vez de uma mulher jovem enjaulada, revelava a história de diversas moças em Mumbai. Suas jaulas mediam 2m² e cerca de 50 mil prostitutas da Rua Falkland são vendidas aos traficantes pelos pais ou

¹ No meu entender, o tráfico involuntário de mulheres tanto para a legislação brasileira como para os tratados internacionais é a retirada de uma pessoa do local onde ela reside e, transferi-la para outro local aproveitando-se da vulnerabilidade dessa pessoa. O meio utilizado para levar esta pessoa a outro local é permeado pela mentira, pelo ardil, pela armadilha e pela sedução.

² WARREN, Lynne. **Lucro desumano**. Revista *National Geographic*. Setembro/2003. P.82 a 85.

³ COCKBURN, Andrew. **Escravos do século 21**. Revista *National Geographic*. Setembro/2003. P.58 a 82.

⁴ Disponível em <http://www.onu.org.br/trafico-de-pessoas-fatura-pelo-menos-32-bilhoes-de-dolares-por-ano-alerta-onu/>. Acessado em 13 de junho de 2013.

pelos maridos. Violência, doenças, má nutrição e falta de cuidados médicos reduzem a expectativa de vida dessas mulheres a menos de 40 anos.

E, na tentativa de fazer com que o leitor acredite que as coisas podem mudar; uma das reportagens traz a imagem de um traficante indiano que passará 16 anos na prisão, um abrigo americano que salvou prostitutas infantis⁵ e, dois mexicanos livres após serem levados para os Estados Unidos da América para atender sexualmente pedófilos.

Esses assuntos ainda eram tratados na mídia quando iniciei a graduação de História. E, em março de 2006, já com a bolsa de iniciação científica direcionada para a migração no mundo contemporâneo, deparei-me mais uma vez com a questão do tráfico.

Na revista Carta Capital de março de 2006, Gianni Carta problematizava a rua vermelha em Amsterdã. O que a reportagem colocava em evidência era que por mais que houvesse muitas mulheres bonitas, exalando sensualidade, nem todas estavam ali de bom grado ou por uma escolha consciente do exercício que realizavam. Em grande maioria, as prostitutas da rua vermelha são maiores de 18 anos e possuem passaporte da União Europeia, seguem as normas de higiene e utilizam preservativos; porém, outras prostitutas de

⁵Libório e Sousa (2004) apontam que a exploração sexual comercial infanto-juvenil ocorre mundialmente. No Brasil, concentra-se em regiões de fronteira e na região norte. A quantificação do fenômeno é tarefa árdua por ser ilegal e criminoso. Por esta razão, organizações governamentais e não governamentais, bem como outros setores da sociedade de vários países se empenham em encontrar meios para combater a exploração sexual de crianças e adolescentes. Para as autoras, a prostituição de crianças e adolescentes está relacionada à pornografia, ao turismo sexual e ao tráfico de seres humanos. “O envolvimento na exploração sexual comercial nada mais é do que o resultado final de uma seqüência de violências sofridas pela criança/adolescente durante todo o seu desenvolvimento, além de ser entendida também como uma violação aos direitos mais fundamentais” (p.14).

Segundo Santos e Oliveira (2004), a prostituição infantil é a exploração sexual do corpo de uma criança ou adolescente que se transforma em mercadoria. O corpo (mercadoria) traz “lucro” na medida em que ocorre a comercialização. Esse tipo de “negócio” fere os direitos humanos e, desabrocha na criança, que vivenciou a exploração sexual, dificuldades no estabelecimento e manutenção de relações afetivas e amorosas, além disso, pode desencadear psicoses e despertar para o uso de substâncias (i) lícitas.

Segundo o relatório PESTRAF (2002) foi convencionado em Estocolmo em 1996 no I Congresso Mundial Contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes que “a exploração sexual comercial de crianças é uma violação dos direitos da criança. Esta compreende o abuso sexual por adultos e a remuneração em espécie ao menino ou menina e a uma terceira pessoa ou várias. A criança é tratada como um objeto sexual e uma mercadoria. A exploração sexual comercial de crianças, que pode implicar o trabalho forçado e formas contemporâneas de escravidão”.

Entende-se por abuso sexual, ato ou jogo sexual em que o adulto submete a criança/adolescente para se estimular ou satisfazer sexualmente, impondo pela força física, pela ameaça ou sedução, com palavras ou com oferta de presentes (ANDI, 2002:44). Não tem implicações comerciais, na medida em que não intervém nas forças de mercado nem produz nenhum benefício secundário, do ponto de vista material (UNICEF, 2002:07).

Amsterdã “perdem” seus passaportes ao chegarem à cidade, apanham, são estupradas, traficadas e muitas não denunciam porque serão extraditadas.

Ao finalizar a graduação, outra reportagem me chamou a atenção. A revista *Seleções Reader's Digest* de outubro de 2010 trazia “a volta do tráfico humano” escrito por Tim Bouquet⁶.

A temática envolvia os criminosos que enganavam ou coagiam quem buscava uma vida melhor na Europa Ocidental, transformando as pessoas em grandes negócios. A reportagem mostrava um mapa da rota de tráfico de seres humanos e apontava o número aproximado de pessoas que haviam sido traficadas.

A matéria de Tim Bouquet relatava de modo especial à situação do Brasil. Trazia dados como: 1) 2,5 mil brasileiros são traficados; 2) o relatório da ONU de 2009 sobre o tráfico de pessoas apontava os brasileiros como principais vítimas; 3) as vítimas brasileiras são predominantemente adolescentes e mulheres; 4) as brasileiras se tornam vítimas porque são enganadas com falsas promessas de trabalho no exterior e traficadas para fins de prostituição; 5) o destino mais comum das brasileiras é a Europa, em especial Portugal e Espanha.

Ainda na reportagem, o então coordenador do enfrentamento ao tráfico de pessoas do Ministério da Justiça, Ricardo Lins, afirmava que o Brasil estava avançando no combate a este tipo de crime e que após a campanha nacional de combate ao tráfico o número 180 (disque denúncia) recebeu 50% a mais de denúncias. Além disso, Ricardo Lins dizia que o Brasil aumentou sua rede de assistência às vítimas de tráfico.

A dedicação na questão do tráfico de seres humanos no Brasil não para nas afirmações do coordenador do enfrentamento ao tráfico de pessoas do Ministério da Justiça, em um infograma números são revelados: 1) de 1990 a 2007 foram instaurados 661 inquéritos envolvendo o tráfico de pessoas no Brasil; 2) o número de casos de tráfico de pessoas investigados entre 1999 e 2009 pela polícia federal somam 971; 3) entre 2002 e 2008, 211 pessoas foram condenadas por tráfico no Brasil; 4) 21.850 pessoas foram encontradas entre

⁶ BOUQUET, Tim. **A volta do tráfico humano**. Revista *Seleções Reader's Digest*. Outubro de 2010. P.60-71.

2003 – 2007 em condições de trabalho escravo; 5) 85 vítimas do tráfico foram identificadas por investigação criminal entre os anos 2004 a 2007.

Então, tomando a revista como ponto de partida para minhas reflexões se percebe uma linha conservadora, que por mais que apresentassem dados e citasse fontes, as informações nem sempre era verídicas ou claras. Conceitualmente a reportagem trazia conflitos, pois misturava escravidão, tráfico, mulheres que saíram para trabalhar no mercado do sexo e migração. Tudo isso contribuía para a criminalização da migração, seja feminina ou não. Além disso, essas reportagens traziam a baila representações sobre o tráfico de pessoas e sobre a migração feminina.

A literatura já produzida sobre o tema e utilizada para a realização desta dissertação foi dividida em eixos teórico-temáticos, são eles: migração internacional e as razões para migrar, diáspora, migração feminina, prostituição, tráfico internacional de mulheres com fins na exploração sexual e representações das brasileiras nos periódicos portugueses.

No eixo temático sobre migração internacional e as razões para migrar procuro compreender o modo e o contexto no qual o Brasil se insere nos fluxos migratórios contemporâneos e neles se mantem; para tanto me aproprio dos estudos de Patarra, Fusco, Assis, Sasaki, Stark & Taylor, Ferreira, Sayad, Stark & Bloon, Ripoll, Martes, Campos, Meriz e Castles & Miller.

Segundo Patarra (2006), as teorias de migração internacional podem ser classificadas em dois grupos. O primeiro engloba o surgimento das migrações internacionais contemporâneas. Já o segundo diz respeito à continuidade dos fluxos no contemporâneo. Assim, a migração internacional brasileira se apresenta numa perspectiva neoclássica⁷, onde a distribuição de renda desigual e a mão-de-obra são as molas propulsoras para os movimentos populacionais em nível macroeconômico. Nesse sentido, há países que se tornam polos de atração (EUA, Japão, Reino Unido, Alemanha e França, por exemplo) ao oferecerem boas remunerações e melhor qualidade de vida, enquanto outros se tornam os principais pontos de repulsão populacional (Brasil, México, Argélia, Turquia, por exemplo). Fazendo uso das palavras de

⁷ Segundo Balbinotto Neto (2009), a teoria neoclássica da migração está pautada na escolha voluntária, individual e racional do migrante, bem como, na busca da valorização do capital humano onde as diferenças salariais entre o país de origem e o país receptor refletem nas discrepâncias da qualidade de vida.

Fusco (2005, p.16), Patarra afirma que “o indivíduo migra porque espera um retorno financeiro que supere os gastos com a mudança e com investimentos em capital humano”. É neste cenário, que o Brasil, na década de 1980, iniciou os fluxos migratórios para países industrializados e ricos. Segundo Assis (2003), parte desse fluxo rumou para os EUA. Para Sasaki (2000) outra parte deste fluxo seguiu para o Japão. As condições que levaram os brasileiros a migrarem foram à crise nacional (inflação e arrocho salarial) comparada à estabilidade econômica dos países desenvolvidos.

Já para Stark & Taylor (1989), os migrantes contemporâneos são pessoas que vivenciam uma situação de relativa privação. Estas pessoas sofrem redução do nível de renda, e a migração pode auxiliar no aumento do poder aquisitivo, no status econômico e social. Neste caso, a migração dos brasileiros na década de 1980 está relacionada à privação relativa. Segundo Ferreira (2007), pessoas pertencentes à classe média empobrecida foram as “pioneiras” da diáspora brasileira.

Os movimentos populacionais contemporâneos podem ser analisados por meio da oferta e da procura nos mercados de trabalho. O trabalho é o principal recurso da unidade familiar. Desta maneira podemos dizer que segundo Sayad (1998), o migrante só é reconhecido por meio da sua força de trabalho e assim sendo, sua permanência no país de destino é sempre mutante no sentido de estado provisório (que tende a se prolongar) ou duradouro (com desejo de retorno), porem independente do tempo de permanência o migrante é visto como inferior ao nativo. Logo, Stark & Bloom (1985) corroboram afirmando que algumas pessoas migram para conseguirem emprego no exterior e sua família depende da remessa monetária enviada. É importante lembrar a teoria da segmentação do mercado de trabalho (Fusco, 2005) ou teoria do mercado dual de trabalho (Patarra, 2006). Em países desenvolvidos há uma divisão no mercado de trabalho. No mercado primário encontram-se empregos com boas condições de trabalho e com altos salários. Entretanto, no mercado secundário encontram-se trabalhos instáveis, de baixa remuneração e condições desfavoráveis, sendo assim, os empregos no setor secundário são rejeitados pelos nativos e ocupados pela mão-de-obra migrante.

Com base nas teorias defendidas por Fusco (2005) e Patarra (2006), Ripoll (2008) afirma que os brasileiros empregados em países desenvolvidos

estão alocados em trabalhos precários não necessitando de qualificação e especialização profissional, como por exemplo, o caso dos brasileiros que migraram para os EUA ocupando serviços domésticos e na construção civil (Martes, 1999). Neste sentido, entende-se que os brasileiros migrantes “estão dispostos a aceitar essas ocupações porque os salários, quando comparados àqueles de seus países, são altos e o prestígio que se leva em conta é o do seu país de origem” (Ripoll, 2008: 158). Vale lembrar ainda que os brasileiros migrantes permanecem ilegalmente no país receptor, e somente no país de origem terão mudanças na posição socioeconômica.

As redes sociais, também chamadas de redes migratórias, explicam a continuidade dos fluxos migratórios contemporâneos. Elas “são constituídas por laços que conectam migrantes, migrantes pioneiros e migrantes em potencial nas áreas de origem e destino por meio de relações de parentesco, amizade e origem comum” (Fusco, 2005: 22). As redes migratórias proporcionam maior fluxo de informações e capital, ajudando novos migrantes. É por esta razão que a migração brasileira não é homogênea em território nacional. Há, portanto, regiões que concentram emigrantes destinados a países específicos devido ao estabelecimento das redes sociais, como é o caso de Criciúma (SC) e Governador Valadares (MG), conforme estudado por Assis (2002 e 2004), Campos (2007) e Meriz (2007).

Segundo Castles & Miller (1998), a migração internacional ocorre por meio de um sistema de causa e efeito, não sendo um evento isolado. Assim, entende-se que os fluxos migratórios internacionais não são uma invenção contemporânea, pois são pertencentes à História da humanidade; entretanto, aumentou em 1945 (pós Segunda Guerra Mundial) e no Brasil na década de 1980. Além disso, para os autores, a migração contemporânea ganha nova tendência como, por exemplo, a diferenciação, a politização e a feminização dos migrantes.

Outro eixo temático diz respeito à diáspora, na qual pode ser definida como migração e colonização, etimologicamente originada do grego. Cohen (1999) afirma que o termo é complexo e pode ser classificado em diferentes sentidos: vitimização no caso dos judeus, africanos e armênios; diáspora imperial quanto aos britânicos; do trabalho em relação aos indianos; comercial para os chineses e libaneses e; cultural para os caribenhos. No mundo

contemporâneo globalizado, diásporas migratórias ocorrem por diferentes aspectos: variações efêmeras e profundas no mundo econômico atrelado a comunicação, a divisão internacional do trabalho, ao comércio liberal, ao transporte, ao fluxo de capital e as transnacionais. Logo, as cidades globais exercem maior poder de atração por conta de uma cultura cosmopolita que causa a desterritorialização da identidade social, colocando como desafio ao Estado-nação a lealdade política, linguística e cultural de seus cidadãos (Patarra, 2006). Entende-se ainda por diáspora a concepção trazida por Stuart Hall, na qual é composta por uma representação binária de diferença. De um lado a construção do “outro” e uma posição rígida de dentro e fora. Por outro lado, o significado de cultura não fixado definitivamente, tendo em vista que este está sempre em movimento.

Os estudos realizados por Marinucci, Green, Parreñas, Padilla, Assis e Gomes *et al*, auxiliam na compreensão do tema migração feminina. Para Marinucci (2007), os estudos das migrações estavam relacionados com as questões de trabalho e as mulheres participavam dos fluxos como acompanhantes ou como membro da reunificação familiar. Com o novo paradigma social (inserção no mercado de trabalho, emancipação), as mulheres começaram a ser vistas não mais como agentes passivos no fluxo migratório. Nos EUA e na França, 1930 e 1970 respectivamente, as mulheres representavam o maior contingente nos fluxos migratórios (Green, 2011: 39). Já na Austrália, o fenômeno data do ano 2000. Segundo Marinucci (2007), atualmente, a Europa é o continente que mais recebe mulheres migrantes (53,4%), realizando principalmente tarefas domésticas e cuidando de crianças e idosos, exigindo assim mão-de-obra flexível em relação aos horários, pois torna mais difícil a autonomia pessoal e a reunificação familiar, complicando a integração da migrante na sociedade recém-chegada.

Para mostrar as relações de desigualdade entre as mulheres, reforçadas pelo atual processo de globalização, onde o reconhecimento de determinados direitos por parte de alguns grupos ocorre em detrimento dos direitos de outros, Parreñas (2002:29) afirma:

Para livrar-se do peso do trabalho doméstico, as mulheres dependem da comercialização deste trabalho e compram os serviços das mulheres mais pobres a preço baixo. E

em nossa sociedade globalizada, são as trabalhadoras migrantes do Sul que estão liberando cada vez mais as mulheres do Norte desse peso. Todavia, isso traz consequências significativas para a relação entre as mulheres. O progresso de um grupo de mulheres dá-se à custa da desvantagem de outro grupo de mulheres, porque, no processo de livrar outras mulheres desse peso, às trabalhadoras domésticas migrantes do Sul comumente é negado o direito de cuidar de sua própria família.

Logo, Parreñas afirma que a emancipação da mulher nativa se dá pela sobrecarga de trabalho, em especial no setor doméstico sobre a mulher migrante, negando-a o direito de cuidar da prole; isto revela que as mudanças das estruturas de gênero foram renegociadas no que tangem ao âmbito familiar.

Segundo Padilla (2007), a migração contemporânea pode ser identificada pela etnia, pela classe social e pelo gênero, sendo este último amplamente estudado recentemente. Se no início dos fluxos migratórios, a inserção feminina “era analisada como aquelas que acompanhavam ou esperavam pelos seus maridos” (Assis, 2003: 201), em tempos de capitalismo pós-industrial, podemos dizer que as mulheres migrantes vivenciam este processo independente do seu estado civil e buscam por melhores condições de vida, salário, capital cultural, entre outros.

Segundo Gomes *et al* (2009), a partir de 1990, a migração feminina começou a ser questionada e a receber o *status* de demonização por conta dos conflitos existentes entre duas práticas migratórias: a primeira relacionada a prostituição como estratégia migratória; já a segunda, relacionada ao tráfico internacional de mulheres com fins na exploração sexual.

Os eixos prostituição e tráfico de mulheres com fins na exploração sexual serão discutidos conjuntamente. No início de 1990, o movimento das trabalhadoras do sexo, afirmavam que a prostituição poderia ser usada como estratégia migratória voluntária, e que por esta razão seria definida como uma atividade laboral que inscreve as mulheres e outras categorias de gênero no direito de disporem de seus corpos, como trabalhadoras e trabalhadores

sexuais, e assim sendo, deveriam ser respeitadas pelas suas práticas profissionais.

Quanto ao tráfico internacional de mulheres com fins na exploração sexual, o conceito elaborado mais recentemente está inserido no *Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças*, também conhecido como Protocolo de Palermo, que foi assinado na Convenção de Palermo pela assembleia geral da ONU, em 2000 e, que passou a vigorar internacionalmente a partir de 2003. O Protocolo define como:

A expressão "tráfico de pessoas" significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos (Protocolo promulgado pela Presidência da República Federativa Brasileira – Casa civil - sob Decreto nº 5.017, de 12 de março de 2004).

Segundo o Artigo 3 do *Protocolo contra o Contrabando de Migrantes por Terra, Mar e Ar*, Suplementando a Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional, 2000, O contrabando de migrantes é definido como:

(...) a aquisição, para obter, direta ou indiretamente, benefício financeiro ou outro material, da entrada ilegal de uma pessoa num Estado parte da qual a pessoa não é cidadã ou residente permanente". (TERESI, 2012: 24)

É fato que o tráfico de seres humanos em fluxos transnacionais tem como objetivo o acúmulo financeiro alojados nas disparidades sociais e nas injustiças da distribuição de renda pelo mundo, promovendo atuações clandestinas sub-humanas. Porém, as causas do tráfico sexual estão

relacionadas com diversos fatores e permeiam searas como: a do econômico, cultural, social e político. Assim, a globalização neoliberal favoreceu uma dissociação do capital no que tange os direitos sociais; neste sentido, o tráfico de mulheres com fins na exploração sexual deve ser entendido, segundo Santos *et al* (2009) como “mulheres obrigadas a trabalhar como prostitutas (contra a sua vontade)” (p.73). Contraditoriamente, a esta situação, o sistema capitalista vive da ideia de que o trabalhador é livre, sendo assim, não deveriam as mulheres serem livres para venderem sua força de trabalho sexual? O fato é que, nessa lógica capitalista, as mulheres vendem não somente a sua disponibilidade sexual, mas também sua identidade e sua liberdade.

Segundo Kempadoo (2005), o tráfico de mulheres não é um assunto tão atual quanto parece ser e, tem seu epicentro arraigado em meados do século XIX e associado ao comércio de mulheres no mercado do sexo. Para a autora, a demanda de um discurso internacional sobre o tema brota na transição do século XIX para o século XX. É neste período que se tem o surgimento de um grupo de mulheres trabalhadoras migrantes no cenário internacional e uma ansiedade por meio dos órgãos internacionais de definir o conceito de tráfico, tendo em vista que há também mulheres que se submeteram a migração internacional e foram capturadas, escravizadas e tiveram que se prostituir.

Para Santos *et al* (2009) que tem em suas pesquisa o enfoque do tráfico sexual de mulheres, em específico nas representações sobre a ilegalidade e vitimização das mulheres, apontam que o problema do tráfico de seres humanos não é um assunto novo, porém tem sido nos últimos anos amplamente discutido em âmbito legislativo na tentativa de se combater. Mas, discussões ficam no mundo abstrato, tendo em vista que ainda há conflitos na definição do termo tráfico.

Percebe-se, portanto, neste eixo temático que há uma diferença entre prostituição e tráfico de mulheres com fins na exploração sexual. Vale ainda lembrar que a prostituição voluntária pode estar relacionada ao *smuggling*, meio pelo qual o migrante recebe auxílio para chegar a outro país, ou seja, o migrante é contrabandeado por um traficante de pessoas e permanece no destino em condição ilegal, porém livre. Já as mulheres traficadas

involuntariamente, encontram-se na categoria de *trafficking*. Adota-se para esta prática a coerção, o ardil, a fraude, a intimidação. Neste caso, o indivíduo não é livre, e a migrante não consente com a situação que lhe é apresentada no destino. Geralmente, as mulheres que são traficadas involuntariamente tem o destino atrelado à exploração sexual.

Para Kempadoo (2005) os países de “terceiro mundo” proporcionam as suas mulheres voluntariamente/conscientemente às práticas da prostituição, deixando-a se definir como violência contra as mulheres “as condições de vida e de trabalho em que as mulheres podem se encontrar no trabalho do sexo, e a violência e terror que cercam esse trabalho num setor informal ou subterrâneo, que são tidos como violadores dos direitos das mulheres e, portanto considerados como tráfico” (p.62).

Sendo assim, para o terceiro mundo, o tráfico é o reflexo das “relações de poder estatais, capitalistas, patriarcais e racializadas com a operação da atuação e desejo das mulheres de darem forma às próprias vidas e estratégias de sobrevivência” (Kempadoo: 2005. 61).

Para Santos *et al* (2009), com base nos estudo de Kelly e Regan, existem vários níveis de vitimização do tráfico.

“O primeiro nível corresponde à total coerção em que as vítimas são raptadas; o consentimento neste nível é nulo. O segundo nível diz respeito às mulheres que foram enganadas com promessas de emprego que não a prostituição. Nestes casos, o consentimento da mulher foi dado com base num logro. O terceiro nível refere-se a um nível de engano menor, em que as mulheres sabem que vão trabalhar na indústria do sexo, mas não na prostituição. Por fim, o quarto nível de vitimização, tido como menos gravoso, concerne às mulheres que, antes da sua partida, sabiam já que iam trabalhar como prostitutas, mas que desconheciam até que ponto iam ser controladas, intimidadas, endividadas e exploradas” (p.87).

Santos *et al* (2009) apontam que, no caso das mulheres migrantes brasileiras em Portugal, em grande maioria, elas sabem que ao migrarem entraram na prostituição ou na indústria do sexo. Os meios acionados para que essas mulheres cheguem são informais (amigos, familiares, colegas entre outros) e por esta razão não se considera uma estrutura “pesada” como a do

leste europeu. Esse tipo de configuração da situação da mulher brasileira em Portugal coloca todas as outras migrantes brasileiras nos mesmos padrões, deste modo, restam-nas a exclusão social e um mundo de precariedade. Isso acarreta consequentemente numa displicência em relação aos casos reais de tráfico de mulheres brasileiras, já que para muitas a prostituição é uma opção laboral migratória. O que Santos *et al* atenta é que, nesta construção da vítima de tráfico sexual não se pode deixar de se considerar a autodeterminação das mulheres. Além disso, os autores chamam atenção para:

1) Há muitas mulheres que eram prostitutas nos seus países de origem e portanto dificilmente conseguem ser vistas como vítimas e exploradas ao vício do olhar preconcebido; 2) há mulheres que sabiam que vinham para a prostituição e aceitaram as regras iniciais do jogo; estas mulheres, apesar de criarem a ilusão de que vivem num mundo desenhado pela sua vontade, estão frequentemente sujeitas a redefinições e alterações nas regras do jogo por quem se encontra em situação de tomar partido das vulnerabilidades e invisibilidades acima referidas; 3) existem muitas mulheres imigrantes que fazem da prostituição em Portugal uma opção, sem que o domínio sobre as regras do jogo lhes seja retirado. Este facto, per se, podendo corresponder à face mais visível (e até mais comum do fenómeno, conforme alguns actores), pode levar a uma “camuflagem sociológica” das situações em que as mulheres são vítimas de uma reversão dramática dessa ideia de autodeterminação sexual” (SANTOS *et al*: 2009,88).

Para a discussão do último eixo temático, utilizarei as contribuições de Sales (1999), Assis (1995), Silveirinha & Cristo (2004), Assis & Sasaki (2001), Pontes (2004), Cogo (2001), Jesus & Fernandes (2011) e Carvalho (2007). Estes autores auxiliam na compreensão dos periódicos como fontes de estudo e fornecem um panorama das representações dos migrantes em diferentes mídias por diversos países; convergindo no que fora citado anteriormente (ilegalidade, discriminação, ameaça, prostituição, tráfico de mulheres, etnização, sensualidade, erotização, vitimização, criminalização, entre outros).

De acordo com estes eixos teórico-temáticos, esta dissertação buscou responder a algumas perguntas. São elas: Com qual objetivo se criminaliza a migração feminina? Todas as mulheres que migram são traficadas? Por que a

mídia impressa traz uma imagem negativa da mulher migrante? Quem são essas mulheres que migram e que aparecem na mídia? Quem são as mulheres que são traficadas? Há tráfico de seres humanos em nosso país de fato? Se há, qual região apresenta maior índice? Para qual fim as pessoas são traficadas? Como é a vida de uma pessoa que passa por esse tipo de experiência? Há saídas?

A estratégia metodológica da pesquisa está dividida em duas etapas.

De modo geral os trabalhos acadêmicos e as reportagens que veiculavam em âmbito nacional apontavam dois países da Europa como principal destino dos brasileiros, eram eles Portugal e Espanha.

Neste sentido, comecei a pesquisar os jornais de circulação de nacional nesses países. No início da dissertação percebi que o jornal *El país* havia sido fonte de pesquisa muito recentemente e que o enfoque dado para a pesquisa era também o tráfico de seres humanos com fim na exploração sexual, e assim optei por trabalhar com o jornal *Correio da Manhã*.

Deste modo, foi realizada uma pesquisa pelo *website* do jornal *Correio da Manhã* no período compreendido entre 2000 e 2012. Para obter as reportagens fiz uso de palavras chaves como migrantes brasileiras, prostituição de brasileiras e tráfico de brasileiras. As reportagens foram selecionadas a medida que eu considerava-as importantes para a discussão que eu pretendia com este trabalho. Os links de acesso e as reportagens foram armazenadas em documento de *Word*.

A segunda etapa é o trabalho de campo na cidade de Goiânia. Penso que é necessário mostrar como que Goiânia surgiu nesta pesquisa.

A cidade de Goiânia tornou-se a capital do estado de Goiás em 1933⁸. Fruto de uma estratégia política e econômica está localizado no Centro-Oeste a 209 km da capital do país. Foi construída e planejada para ser a capital administrativa e política do estado de Goiás. Quando de sua criação havia a expectativa por parte dos fundadores e do governo estadual de realizar a integração das regiões sul e sudeste do estado, acabando com as oligarquias familiares (Pelá e Chaveiro, 2009). Pensando em âmbito nacional, Goiânia

⁸ A mudança da capital do Estado de Goiás é uma preocupação alocada em meados do século XVIII e apresentou interesses bastante pontuais durante o século XIX, concretizando-se durante o governo de Getúlio Vargas.

surgiu da necessidade de enquadrar o país na lógica da produção capitalista, pois o país experimentava o fim da república velha, marcada pelas oligarquias rurais e que deveriam, assim como no contexto local, tornar-se um Estado urbano, moderno e integrado com o mundo. Vem daí a necessidade de enquadrar o cerrado na lógica da produção capitalista e promovê-lo a local da modernidade e civilização. Tem-se assim, o surgimento de uma cidade que nasce com definições políticas, econômicas, sociais, e culturais definidas. A história das migrações está em seu embrião, pois para Goiânia se configurar como cidade muitas pessoas chegaram incentivados pela Marcha para o Oeste, campanha de ocupação do interior do país durante o governo de Getúlio Vargas.

A cidade de Goiânia foi se configurando como um ponto de partida de emigração de brasileiros por meio do trabalho de Gustavo Lins Ribeiro que dedicou parte de seus estudos aos brasileiros (em grande maioria goianos) que eram residentes na região de Bay Area em San Francisco, na Califórnia, durante a década de 1990. O trabalho de Ribeiro (1998) proporcionou o contato com os grandes cenários que fazem parte do cotidiano migrante, muito embora o autor não tratasse em sua pesquisa de situações de tráfico de seres humanos com fins na exploração sexual. Porém seu estudo abriu os horizontes no que tange a uma percepção dedicada aos jornais locais e direcionou o olhar para Goiânia como um ponto de partida para outros países (EUA e países europeus).

No lastro do trabalho de Ribeiro, seguem Pereira (2009) e Silva (2011) que falam da experiência transnacional da população do cerrado brasileiro.

Outro sinalizador para a cidade de Goiânia e região é a própria mídia televisiva brasileira que por meio de alguns programas jornalísticos como Profissão repórter, Globo repórter (Rede Globo) e SBT repórter (Sistema Brasileiro de Televisão) transmitiram em tempos diferentes a realidade de migrantes brasileiros. O comum nessas reportagens é que valadarenses e goianos apareciam vivenciando disparidades migratórias. O primeiro associado ao transnacionalismo e o segundo relacionado ao tráfico de seres humanos.

Além desses indicadores, Goiânia se apresentou como uma das cidades brasileiras com elevado número de retornados com histórico no tráfico de pessoas com fins na exploração sexual. Isso se comprova por meio da

estrutura do governo do Estado de Goiás que disponibiliza ao cidadão goiano o serviço de combate e enfrentamento ao tráfico de pessoas, bem como assistência jurídica e psicológica daqueles que foram vítimas do tráfico e seus familiares.

O trabalho de campo na cidade de Goiânia faz parte da segunda etapa metodológica e foi primordial para finalizar as evidências de que a capital do estado de Goiás e adjacências eram rotas do tráfico de mulheres com fins na exploração sexual na Europa. O jornal local auxiliou com longas reportagens que ganharam destaque, não só no número de páginas, mas por se tornarem cadernos especiais dentro do jornal e inúmeras imagens coloridas. O campo foi possível graças ao financiamento do Instituto Brasil Plural (IBP/UFSC).

O campo foi realizado em abril/maio de 2012. Para tanto foi necessário consultas ao arquivo do CEDOC (centro de documentação) da Organização Jaime Câmara (local onde são editadas e realizadas as tiragens do jornal *O Popular*) e entrevistas com pessoas que de forma direta ou indireta estão envolvidas com a temática. As entrevistas foram feitas no sistema *bola de neve*, quando um entrevistado indica outro.

É importante salientar que o trabalho de campo realizado não apresenta caráter etnográfico. Consiste, portanto, numa vertente qualitativa que tem por objetivo expressar realidades, buscando a aproximação com os sujeitos envolvidos na temática estudada (Goldenberg, 1999) e destacando os fenômenos sociais ocorridos na cidade. A perspectiva qualitativa proporcionou um panorama no modo de vida dos cidadãos goianienses sob o ponto de vista da migração internacional contemporânea.

A minha permanência em Goiânia para a realização da pesquisa teve duração de quinze dias. Neste período, realizei cinco entrevistas com membros de ONG's ou do Governo do Estado de Goiás que participam do Núcleo de Enfretamento ao Tráfico de Pessoas. Três entrevistas foram realizadas com migrantes retornados da Europa e que informaram, a partir de suas experiências, como as mulheres migrantes brasileiras são criadas no imaginário europeu. E uma entrevista com familiares de uma garota que foi traficada no fim da década de 1990. Além das entrevistas, visitei a Organização Jaime Câmara (OJC), afiliada da Rede Globo de Televisão, que é a redatora e distribuidora do jornal mais conhecido da região O Popular. No interior da OJC

há um CEDOC e lá pude ter acesso às reportagens veiculadas. No total foram 250 reportagens encontradas por meio de palavras chaves como tráfico internacional, migração ilegal, prostituição, brasileiros em Portugal.

A estrutura dessa dissertação foi pensada de modo a refletir os fluxos migratórios contemporâneos e neles a inserção do tráfico de mulheres em uma ótica que parte do global para o local. De maneira geral, o primeiro capítulo versa sobre gênero, migração e tráfico de mulheres; e o segundo sobre as reflexões e os impactos do tráfico na cidade de Goiânia e adjacências.

O primeiro capítulo está relacionado com a migração feminina na mídia a partir de dos jornais que foram escolhidos com o propósito de visualizar como são realizadas as representações da migração feminina em ambos e depois tentar compará-los. O capítulo traz ainda discussões sobre gênero, migração e tráfico de mulheres, dando destaque a criminalização da migração feminina pela mídia impressa.

O segundo situando a cidade de Goiânia como ponto de e/imigração, os principais destinos de emigração na contemporaneidade, e o envolvimento das mulheres e da cidade nas redes migratórias e nos desencantos dessas redes quando caem no tráfico de pessoas com fim na exploração sexual.

A realização dessa dissertação só foi possível graças ao apoio de diversas pessoas a quem faço os meus sinceros agradecimentos.

Primeiramente aos meus pais, Neusa e Jary. A jornada foi árdua e bastante difícil, por muitas vezes o desânimo apareceu, entretanto, vocês estavam ao meu lado me estimulando, orando, compreendendo o meu silêncio, ou minhas explosões de humor, e acreditando que daria certo. Nessa jornada vocês me deixaram de herança a firmeza em aspirar triunfos e a capacidade de assimilar derrotas. Obrigada por ser quem são e estarem sempre ao meu lado.

Meu companheiro, Almir Alves Junior, que demonstrou afeto e paciência e que transformou o meu objetivo no seu objetivo, dando todo o apoio que eu precisava. Obrigada por todos os questionamentos, trocas e contribuições.

Meus familiares que estiveram presentes nessa jornada: Angelina Dolores de Lima Machado, Eli Merísio, Helena Sena Coelho e Vilma dos Santos Alves.

Minhas amigades, de longe e de perto, que me fizeram compreender que a vida sem amigos é um desastre e que souberam ter parcimônia e compreenderam a ausência. Em especial Áureo Sato, Daiana Tereza da Silva, David Milhomens, Juliana Spies, Júlio Kammers, Marcelo de Souza Schlischtig, Maria de Jesus Barbosa, Michelsch da Silva, Vilma Alves Filha, Wilson Leite e Zilda Padilha.

Menciono minha gratidão aos moradores da cidade de Goiânia que me receberam muito bem e abriram portas para que eu pudesse realizar meu trabalho de campo, especialmente os funcionários da Organização Jaime Câmara (Marília Assunção, Maria de Jesus Barbosa e Sandra Fonseca), e os membros do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (Beth Fernandes, Fernanda Frota e Marco Aurélio de Souza).

Agradeço, ainda, à família do senhor João José Felipe, que se tornou cúmplice no fazer as narrativas da sua vida, sua experiência e as lembranças dolorosas de uma filha vítima do tráfico internacional de mulheres.

Sou grata, também, ao Programa de Pós-Graduação em História e aos docentes membros deste programa. E, ao professor Dr. Pedro Martins, que mesmo pertencente a outro programa de pós-graduação (MPPT), dispensou parte do seu tempo para ler meu trabalho e sugerir mudanças onde acreditava ser necessário.

Agradeço a CAPES pelos nove meses de financiamento e ao Instituto Brasil Plural que subsidiou o trabalho de campo.

Enfim, agradeço a Gláucia de Oliveira Assis às orientações que recebi durante a execução deste trabalho, nos apontamentos que foram realizados e o compartilhamento de experiência e de conhecimento.

Capítulo 1: Tráfico de mulheres migrantes na imprensa.

No contexto da migração internacional, imagens e notícias sobre os migrantes estão presentes na mídia quase cotidianamente. Estas reportagens veiculadas, geralmente dramáticas, apresentam facetas díspares do contexto migratório. Dentre essas facetas, a imagem de migrantes brasileiros que são deportados, a vulnerabilidade no mercado de trabalho em função da condição ilegal, bem como representações de mulheres migrantes inseridas no mercado sexual.

Sales (1999) realiza um levantamento de notícias da imprensa, entre 1983-1995, sobre a emigração de brasileiros. Segundo a autora, a imprensa nacional sinaliza negativamente os fluxos migratórios, pois de modo geral é uma migração caracterizada pela clandestinidade, pela discriminação e pela criminalização. Ao contrário da imprensa nacional, a imprensa norte-americana (objeto de estudo de Sales) constrói a imagem desses imigrantes de maneira bastante positiva, frequentemente atribuindo-lhes a qualidade de bons trabalhadores e empreendedores. Contudo, Sales infere que mesmo retratando isoladas imagens de sucesso, a clandestinidade, a discriminação e a criminalização são termos bastante utilizados para descreverem os migrantes brasileiros na imprensa.

Assis (1995) pode perceber através da mídia que a emigração de brasileiros fica evidenciada nas últimas décadas do século XX, pois este não era um fenômeno recorrente na sociedade brasileira. Observa a autora, que a imprensa relata histórias de aventura e desventura de brasileiros que migram ou tentam migrar para os EUA. São notícias que ressaltam estratégias de migração, deportação, relatos de travessias ilegais na fronteira dos EUA com o México, bem como histórias de sucesso na “América” que contribuem para a construção de representações e identidades migrantes. Nota ainda, que essas mesmas reportagens não trazem informações precisas, como características econômicas e as relações de gênero, que se modificam com a migração para os EUA, o número de emigrantes, a discriminação entre grupos étnicos, entre outros.

Silveirinha & Cristo (2004) averiguaram através da imprensa (jornais) como se dá as identidades de diferentes atores sociais da migração. Percebem

que os imigrantes são os que têm menos acesso a imprensa e por este motivo, raramente dizem uma palavra para a construção de sua(s) identidade(s). Assim, as autoras buscam analisar como as reportagens veiculadas nos jornais cruzam as vozes (muitas vezes silenciadas) dos migrantes e como se forjam histórias migratórias.

Assis e Sasaki (2001) percebem que muitas vezes as notícias veiculadas trazem uma imagem estereotipada tanto dos migrantes, quanto da migração, mesmo que nos últimos anos as representações sobre o grupo passem por algumas modificações, principalmente em função de novos pontos de partida de emigração e fluxos migratórios. Há ainda outros autores que tratam dessa temática como Helion Póvoa Neto, Neide Patarra e Teresa Sales.

Ainda acerca da imagem da mulher na imprensa, Piscitelli (2005) aborda a internet no contexto do mercado sexual¹, analisando a imagem de latino-americanas que são dissipadas no espaço virtual, especificamente o *site World Sex Archives*, aprofundando uma análise acerca da transnacionalização do sexo. Toma, como exemplo, a procura de mulheres da Ásia Oriental e do Sudeste da Ásia que são visadas para o consumo de sexo, em especial nas décadas de 1950 e 1960, representando o perfil de mercadoria erótica desejada. Argumenta que há uma fronteira étnico-sexual, traçada no ciberespaço, construída e definida pelo mercado consumidor.

Pontes (2004) trata das representações de mulheres brasileiras na mídia portuguesa, destacando nacionalidade e etnicidade na categoria de gênero. Percebe a sexualidade da mulher brasileira evidenciada, a partir da antropologia, como um campo simbólico e, atribui ao colonialismo e aos processos contemporâneos de e/imigração internacionais esta dinâmica de representação. Infere que “é patente a existência de uma associação entre as representações de gênero e de nacionalidade, na qual a representação de Brasil é feminizada e a de gênero sexualizada” (PONTES, 2004:254).

¹ Augustin (2005 *apud* PISCITELLI 2005:07) utiliza o termo mercado sexual e não somente prostituição sexual, pois afirma que há uma grande diversidade de trabalhos sexuais: “bordéis, boates, bares, *discos*, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornôs, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sado-masiquismo, prostituição na rua” entre outros (PISCITELLI, 2005:07).

Ainda para a autora, as mulheres brasileiras em Portugal, especialmente na mídia, são associadas à morenidade que está relacionada com a prostituição. Este tipo de representação do estereótipo brasileiro não paira somente sob a égide da mídia lusitana.

Recentemente, a Rede Globo, emissora brasileira de televisão, exibiu em horário nobre na novela *Salve Jorge*, a história de Morena. A personagem trazia consigo a essência da desigualdade social. Moradora da comunidade do Morro do Alemão na cidade do Rio de Janeiro, a jovem ansiava por novas oportunidades e melhora na qualidade de vida, tendo em vista que tinha um filho e que, com o salário de secretária num escritório de advocacia não enxergava a possibilidade de ascensão social. Além disso, Morena não era apenas o seu nome, fazia jus a sua cor que combinada com a alegria, simpatia e sensualidade conferiu-lhe a capitalização do exótico nos fluxos internacionais contemporâneo. Morena ao receber uma proposta de trabalho na Europa é ludibriada ao chegar e percebe que o trabalho era outro, prostituição.

Apropriando-se de Pontes (*op cit*), entende-se que as mulheres brasileiras são representadas na mídia, dentro do contexto de fluxo internacional, relacionadas com a ilegalidade, clandestinidade e prostituição. A representação da sexualização da mulher brasileira traz no seu bojo a inferiorização do Brasil e das agentes. Estas representações perpassam pela comunidade portuguesa e tem forte expressão na mídia. A etnicidade brasileira em Portugal está associada à mestiçagem exotizada e sensualizada. Porém, mesmo sem trazer este perfil à mulher brasileira ganha esta etnicidade apenas por sua nacionalidade, tendo-se assim uma inferiorização sexualizante associada à classe e etnia.

Cogo (2001) apresenta uma análise discursiva da mídia brasileira em torno dos processos de midiaticização, experiência migratória e interculturalidade buscando interfaces “com as dinâmicas socioculturais e as práticas cotidianas vivenciadas por distintas categorias imigrantes” (p.11).

Jesus & Fernandes (2011) afirmam que a mídia define o que será discutido na esfera pública. Citando Lima (1998), os autores concordam que dentro deste contexto a mídia se revela como mecanismo tendencioso das massas. Já ao mencionarem Orozco (1994) convergem ao que tange os interesses em divulgar certos assuntos, porém a mesma não é de todo ruim e

às vezes é vítima de si mesma, pois não está fora de realidade para refleti-la de modo neutro. Segundo os autores, a mídia é fundamental na definição do eu e do outro. Neste sentido, podemos dizer que, em relação aos fluxos migratórios contemporâneos, a mídia fornece informações às massas que vão construindo suas concepções a respeito de outros cidadãos e do impacto que os eventos internacionais exercem sobre suas vidas, assim “define e consolida o entendimento da diferença por tais cidadãos, como alteridade e naturaliza hierarquias entre identidades e diferenças” (p. 257).

Os autores ainda afirmam que a mídia auxilia e participa da construção de práticas simbólicas. Além disso, exercem o papel de “ponto de passagem para as relações de poder” (p. 258), isso permite ao pesquisador olhar os objetos produzidos pela mídia com o poder de abordar, nomear, analisar, classificar e explicar tais situações.

Quanto aos enunciados, “não há enunciado objetivo, indiferente, imparcial ou independente” (Jesus & Fernandes: 2011, 259). Diante desta afirmação se percebe que os agentes jornalísticos não possuem neutralidade na medida em que as discussões “são colocadas pela mídia não de modo a retratar a realidade, mas consolidar sistemas e realidades já definidos” (p.260).

O tom dado a algumas notícias evidencia muitas vezes o viés jornalístico. Uso de determinadas palavras ou expressões reproduzem uma postura que pode ser inclusiva ou excludente em relação ao evento noticiado.

Citando Moura (*apud*), os autores afirmam que é tarefa do pesquisador “identificar na notícia veiculada a posição que ela ocupa no emaranhado dos discursos dentro de determinado contexto sócio histórico de forma a reordená-lo, situá-lo ou redistribuí-lo” (Moura: 2003, 11).

Carvalho (2007) ao tratar das representações dos imigrantes e das minorias étnicas na mídia portuguesa nos jornais *Correio da Manhã* e *O Público*, identifica três modelos teóricos de conceituação. O primeiro refere-se à valorização de vocabulários e discursos, outro que centra na produção de notícia e o último tomando a mídia como aliado na construção de uma Europa multicultural. Para a autora o modelo pautado no vocabulário e no discurso tem seu início na década de 1970 e, procuravam demonstrar a etnicização das relações sociais e as diferenças. Citando diferentes autores que tratam da temática discursiva na mídia (Cunha, Policarpo, Monteiro e Felgueiras, 2002;

Cádima, 2003; Cunha, Santos, Silveirinha & Peixinho, 2004; ente outros) converge na ideia o “outro” é “uma construção discursiva exercida sobre aqueles que são percebidos como diferentes. São identificadas suas ordens de ações enquanto fatores de desigualdade e discriminação” (p.34).

A autora sinaliza ainda que, na Europa, a tendência é não somente analisar as notícias veiculadas, mas também promover informações sobre a migração e as diferenças étnicas. Por outro lado, aponta que ao se verificar a mídia, o que se encontra é uma referência a expulsões, detenções e criminalidade em relação aos fluxos migratórios globais. Ou seja, a migração como ameaça.

É válido ressaltar que no entender de Tânia Regina de Luca e Carla Bassanezi Pinsky (2009), o jornal usado como documento e fonte histórica, apresenta valor oscilante de um texto, pois variam os agentes que o leem. Dependendo do ponto de vista, o documento pode gerar leituras opostas. Isso mostra que um documento possibilita leituras variadas por meio de sua subjetividade que se dá na construção da importância do documento. O foco do documento também pode variar de acordo com o recorte que é feito, que nos leva a ter uma nova interpretação. Assim, as modificações que um documento apresenta tem relação com o sentido que o presente atribui aos personagens ou fatos históricos. Se concluirmos que não existe um fato histórico eterno, mas que existe algo que hoje consideramos histórico é fácil compreender que a ideia de documento siga a mesma lógica. Neste sentido, na compreensão de Luca (2008) até a década de 1970, o uso de jornais e revistas, como fontes históricas era bastante pequeno. Os trabalhos de Arnaldo Contier (1974) e Maria Helena Capelato com Maria Lígia Prado (1974) são pioneiros na utilização desse tipo de arquivo e demonstram que esse tipo de fonte histórica traduziam interesses de determinadas classes sociais. Logo, Luca aponta que os jornais podem ser analisados por temas, datas, colunas, imagens, diagramação, entre outros. Os jornais revelam os diferentes mundos: proletários x patrões, direita x esquerda, ricos x pobres, desenvolvimento x estagnação, cotidiano x esporádico e assim por diante. Por fim, alerta para as dificuldades de lidar com tal fonte, pois nem sempre a mesma está disponível, com o acesso facilitado ou organizado. Além disso, muitos materiais podem não estar microfilmados ou digitalizados, e finaliza dando dicas de como

realizar um trabalho com jornais lembrando, porém, que não há fórmulas para o sucesso investigativo com a utilização desse tipo de fonte histórica.

Diante dessas informações, este capítulo se debruçará nas reportagens inseridas nos jornais *Correio da Manhã* e *O Popular* buscando perceber como as mulheres brasileiras migrantes são representadas na mídia e o modo como à mesma é tendenciosa na tentativa de criminalizar a migração feminina.

Os jornais estudados nesta dissertação são cotidianos e contém informações gerais. Citando Kayser (1963), Carvalho (2007) diz que esse tipo de jornal tem como objetivo relatar sobre os acontecimentos da atualidade relativos ao público que o lê, dando conta de questões internacionais, política, entre outras, mas que também reservam espaço para informações publicitárias, artigos literários e ilustrações.

A ficha sinalética de um jornal possui características essenciais, pois contém informações acerca do jornal como nome, lugar de produção e redação, periodicidade e entre outras informações. Por meio delas podemos construir não só as características, mas também retomar o histórico dos jornais.

Nome do Jornal	Correio da Manhã
Lugar de administração	Lisboa
Lugar de redação	Lisboa
Periodicidade	Diário
Matutino/Vespertino	Matutino
Data da primeira edição	19 de março de 1979
Principal zona de difusão	Nacional
Tiragem	148.502
Preço de venda	Segunda a Quinta: 0,75€ Sexta-feira: 1€ Sábado e Domingo: 1€20
Preço da assinatura	Versão papel, anual, diariamente, em território nacional: 488€ 68
Formato	Entre o tabloide e o berlinense
Número de colunas por página	52 páginas
Nome e Localização da gráfica	Grafedisport, Impressão e Artes Gráficas S.A (Queluz de Baixo)

Suplementos publicados	Seis suplementos semanais: desporto, televisão, sociedade, ciência e tecnologia.
Características excepcionais na vida do jornal	1998 o jornal tem inauguração na internet.
Serviço de documentação	Não possui.

**Quadro 1: Ficha sinalética *Correio da Manhã*.
Fonte: Carvalho, 2007.**

O Jornal *Correio da Manhã*, de Portugal, foi criado no ano 1979, é um jornal popular que atualmente é apresentado nas versões impressa e digital, em vigor desde 1998, porém no *website* do jornal as reportagens datam a partir de 2000. Sua linguagem é bastante acessível e por este motivo apresenta tiragens diárias de aproximadamente 150 mil exemplares. A administração, bem como o local de redação do jornal, está localizada em Lisboa. É um periódico matutino, diário, que tem o âmbito nacional como principal zona de difusão. Os preços do periódico variam conforme os dias da semana. De segunda a quinta-feira o jornal custa 0,75€, nas sextas-feiras é cobrado o preço de 1,00€ e nos sábados e nos domingos o valor é de 1€20. O formato do jornal está entre o tablóide e o berlinense. No *website* do jornal as reportagens raramente aparecem assinadas e com imagens associadas às matérias.

Nome do Jornal	O Popular
Lugar de administração	Goiânia
Lugar de redação	Goiânia
Periodicidade	Diária
Matutino/Vespertino	Matutino
Data da primeira edição	03 de abril de 1938
Principal zona de difusão	Goiás
Tiragem	30 mil de segunda a sábado e aos domingos 40 mil
Preço de venda	Segunda a Sábado: R\$1,50 Domingos: R\$2,00
Preço da assinatura	Versão papel (com direito a acesso virtual), diariamente, em território nacional. Anualmente R\$459,60 ou R\$478,80 em 12x. Semestral R\$ 239,40 ou o mesmo valor em 6x.
Formato	Standard (55 cm ou 22 polegadas)

Número de colunas por página	Geralmente cinco.
Nome e localização da gráfica	Grupo Jaime Câmara, Setor Serrinha – Goiânia.
Suplementos publicados	Quatro suplementos semanais (suplemento do campo, magazine TV, almanaque, pop esporte) e um suplemento que sai 3x por semana (classificados)
Características excepcionais na vida do jornal	Em 1996, o jornal passou a receber uma versão <i>on line</i> para acesso somente do público assinante.
Serviço de documentação	O popular dispõe de um Cedoc instalado nas dependências da Organização Jaime Câmara. As visitas devem ser agendadas. Os jornais estão parte em microfilme, parte digitalizados e outra em papel.

**Quadro 2 - Ficha sinalética *O Popular*.
Fontes: *O popular (web site)* e *GJC (web site)***

O Jornal brasileiro *O popular*, foi fundado em três de abril de 1938, pelos irmãos Jaime Câmara, Joaquim Câmara filho e Vicente Rebouças². O jornal *O Popular* é atualmente o carro chefe do maior grupo de comunicação do Centro-Norte, a Organização Jaime Câmara (OJC) afiliada da Rede Globo de Televisão. Impresso no modelo *standard*, tem amplitude regional atingindo os estados do Tocantins, Pará, Mato Grosso, Minas Gerais e o Distrito Federal. As edições são matutinas e diárias e apresentam as notícias mais importantes no Estado, no Brasil e no mundo. A média diária de tiragens é de 40 mil exemplares aos domingos e de 30 mil durante a semana, cujo valor do jornal varia conforme os dias da semana: de segunda a sábado custa R\$ 1,50 e aos domingos R\$ 2,00. Geralmente, as páginas dos jornais possuem matérias divididas em cinco colunas e semanalmente apresenta cinco suplementos: suplemento do campo, magazine TV, almanaque, pop esporte e, classificados. *O popular On-line* está na *web* desde 1996, e o acesso é permitido somente aos assinantes.

² Os irmãos vieram para Goiânia por conta da primeira investida de Vargas na Marcha para o Oeste. Inicialmente colocaram uma papelaria numa das principais ruas da cidade e dentro da papelaria faziam um folhetim que era vendido à população. Com o passar do tempo o folhetim tornou-se jornal, os irmãos então fecharam a papelaria e abriram a primeira gráfica da cidade. Em 1964, se afiliaram a Rede Globo de Televisão fazendo parte a TV Anhangüera, o jornal *O popular* e a *Folha de Goyaz*.

2.1 – Os jornais *O Popular* e *Correio da Manhã* nas representações das migrações.

Em pesquisa virtual, ao site do jornal *Correio da Manhã*, num período compreendido entre os anos 2002 e 2012³, pude observar que após realizar uma busca com as seguintes palavras chaves: migrantes brasileiros em Portugal, tráfico de mulheres brasileiras e prostituição brasileira; que as informações dadas sobre os brasileiros residentes em Portugal muitas vezes perpassam a questão da clandestinidade ou a falta de papéis.

Para o termo *migrantes brasileiros em Portugal* se obteve um resultado de busca com 576 notícias. Destas 13 artigos foram selecionados. Quanto ao *tráfico de mulheres brasileiras* foram encontradas 337 reportagens. Aqui foram classificadas 29 reportagens. Já o termo *prostituição brasileira* revelou 345 matérias, sendo selecionados 121 artigos.

As reportagens que foram pesquisadas, com os termos ditos anteriormente, saem em diferentes seções do jornal, porém ganham destaque na seção nacional portuguesa e na sessão de notícias internacionais. Nem sempre as matérias estão estampadas na capa do jornal e nem todas as matérias são assinadas e há uma ampla equipe jornalística que trata dos fluxos migratórios contemporâneos. Porém, é possível perceber que a temática está presente no jornal por meio de algumas manchetes, embora os títulos sejam esvaziados e nem sempre revelem o que consta na reportagem.

Segundo Carvalho (2007), o jornal *Correio da Manhã* aborda as notícias sobre migração com mais frequência que outros jornais portugueses, porém as reportagens são curtas.

No *Correio da Manhã*, a nacionalidade, a etnia e a condição do migrante estão sempre colocadas em evidência. As notícias contêm informações brutas⁴, o que pode significar que venham de agências de notícias. Segundo Carvalho (2007) a porcentagem de notícias que envolvem os temas dos fluxos contemporâneos e que não são assinadas tangenciam em 34% e, 20% das

³ No mecanismo de busca, o website do jornal *Correio da Manhã*, disponibiliza reportagens somente a partir de 2002.

⁴ São reportagens de elaboração simples, com títulos que geralmente são iguais ao da primeira linha do corpo do texto.

notícias parecem somente as iniciais dos autores. O *Correio da Manhã* traz ainda uma temática superficial.

Vale ainda salientar que o jornal *Correio da Manhã* ao fazer referência a etnias e nacionalidades cita o grupo dos brasileiros com mais frequência, o que traduz uma presença real dos mesmos no país, o grupo dos cabo-verdianos vem após os brasileiros. Para Carvalho (2007), estima-se que tenha mais de 100 mil brasileiros em Portugal, sendo esta a maior comunidade de imigrantes no país.

Em geral as reportagens trazem a imagem do migrante brasileiro, associado ao caos, à desordem e a crimes internacionais. Os brasileiros são citados em diversas reportagens, em especial as mulheres, como por exemplo, a reportagem de 14 de julho de 2012, escrita por Tânia Laranjo, intitulada *Mataram por ódio e dinheiro*, no jornal *Correio da Manhã*.

Têm 25 e 30 anos, são ambos brasileiros (tal como a vítima) e dedicavam-se à prostituição. Os suspeitos eram amantes, a mulher que mataram tinha-os iniciado a ambos no mundo da noite. Foi ela quem lhes arranhou os primeiros clientes, pedia-lhes que a acompanhassem quando a procura incidia sobre casais ou duas mulheres. Muitas vezes "trabalhavam" em parceria. A 12 de Junho, o casal decidiu cortar os laços com Míriam, de 52 anos. A vítima estava em casa, no primeiro andar do número 47, da avenida General Humberto Delgado, em Torres Vedras, quando aqueles a procuraram. Abriu a porta porque os conhecia, foi ameaçada e levada para o quarto. Aí, foi amarrada à cama e torturada. Os suspeitos queriam dinheiro, exigiam que Míriam lhes entregasse valores. Queimaram-lhe a cara durante a sessão de tortura, Míriam terá acabado por dizer onde estava o cartão de multibanco e revelado o código. Deixaram-na morta, incendiaram o corpo para a tornar irreconhecível e abandonaram o prédio. Para que o crime não fosse de imediato descoberto, ainda nessa noite usaram o Facebook de Míriam. Aceitaram mais um amigo, trocaram conversas para simular que se mantinha viva. Na madrugada fizeram vários levantamentos de multibanco. Voltaram a fazê-los nos dias seguintes, enquanto o saldo do cartão o permitiu. Depois, fugiram para a zona de Braga, onde se mantiveram escondidos durante um mês. A PJ de Lisboa deteve-os anteontem. Ontem, foram ouvidos em tribunal pelos crimes de homicídio, profanação de cadáver e burla informática. À hora do

fecho desta edição não eram conhecidas as medidas de coacção.

Percebe-se nesta reportagem que a mídia impressa negativiza os migrantes brasileiros associando a eles comportamentos criminosos. Além disso, entende-se que as relações entre brasileiros, nos fluxos migratórios, estão pautadas em conflitos e que estes possuem práticas e carácter desviantes. Pensa-se ainda que a matéria contribua para a construção da identidade brasileira, neste caso de modo pejorativo, podendo gerar preconceito na relação migrante-nativo, ou até mesmo, migrante-migrante.

A condição de viver em outro país sem a permissão legal do Estado é outro assunto tratado nas matérias veiculadas no *Correio da Manhã*, é o que nos mostra a reportagem intitulada *Imigrantes de má fama*, escrita por Isabel Jordão e publicada em 13 de agosto de 2005.

Segundo o bispo brasileiro, que preside às celebrações da Peregrinação do Migrante e do Refugiado, o Estado e os cidadãos portugueses “desejam acolher bem a comunidade brasileira, mas o número grande de irregulares e por vezes em ocupações nem sempre recomendáveis, faz com que surjam resistências”. O facto de os imigrantes estarem em situação irregular no País faz com que “o pagamento e os encargos sociais não sejam sempre respeitados pelos patrões”. Além disso, a comunidade brasileira ganhou “má fama, porque muitas mulheres, orientadas por grupos interessados, foram iludidas a vir para o estrangeiro para serem inseridas em trabalhos honestos e acabam em bordéis”, explicou.

A reportagem segue dizendo que aproximadamente 40 mil brasileiros encontram-se irregulares em Portugal.

Os imigrantes brasileiros constituem a maior comunidade estrangeira em Portugal: são 85 mil cidadãos em situação regular, 60 mil dos quais com autorizações de residência e permanência. A estes números devem acrescentar-se outros “30 a 40 mil” cidadãos, que segundo D. Laurindo Guizzardi, estão em situação irregular. De acordo com o bispo, continua a verificar-se um “crescimento” da saída de brasileiros para Portugal, viajando num dos sete voos diários que há para Lisboa, “por vezes criando situações nada risonhas, porque os caminhos da emigração às vezes são mais penosos do que se pensa”.

A matéria sinaliza que Portugal e seus cidadãos almejam acolher a comunidade brasileira, porém, sabe-se por meio do estudo de Machado (2006) que a relação entre os países é permeada por representações, que por parte dos brasileiros está relacionada à evocação da lusofonia. Isto confere aos brasileiros um lugar especial na hierarquia de imigrantes desejadas no Estado português, não só pelo fato do idioma, mas também pelo estereótipo que se assemelha mais com do europeu, quando comparados a outros grupos migrantes como angolanos e cabo-verdianos. Isto não significa que os brasileiros, do ponto de vista português, estejam em boas condições hierárquicas, ao contrário, encontram-se em situação subalterna.

A reportagem faz referência também à ocupação dos migrantes brasileiros em setores informais da economia, por causa da sua condição de irregularidade. Assim podemos deduzir que os migrantes nesta situação se encontram vulneráveis, ocupando funções de mercado secundário, com extensa jornada de trabalho e baixas remunerações.

Téchio (2006) aponta que, no mercado informal português, os brasileiros ocupam funções como: serviços domésticos, limpeza, segurança, construção civil e atividades ligadas ao comércio (bares e restaurantes). Ainda afirma que, empresários em Portugal não realizam contratos formais ao “empregarem” brasileiros não documentados, eliminando qualquer prova que estabeleça vínculo empregatício.

A categoria de imigrante irregular traz em si diferentes possibilidades de viver e experimentar o processo migratório. São pessoas que adentram a este universo por meio da travessia ilegal da fronteira ou de avião com visto e permanecendo no país com o prazo expirado. As reportagens aqui analisadas trazem consigo a dificuldade de permanecer indocumentado e apresentam o migrante ilegal como uma ameaça ao país receptor, principalmente pós 11 de setembro de 2001, onde os imigrantes ilegais passam a ser associados com crimes e atitudes terroristas.

Outra situação de clandestinidade que é citada pelo bispo D. Laurindo Guizzardi, faz menção as atividades realizadas pelas brasileiras em bordéis. Neste caso, as migrantes brasileiras são generalizadas como ingênuas e vítimas do tráfico de seres humanos, com fins na exploração sexual. O bispo não reconsidera em sua afirmação “...foram iludidas a vir para o estrangeiro

para serem inseridas em trabalhos honestos e acabam em bordéis”, que algumas destas mulheres quando migraram poderiam estar de acordo com o tipo de serviço que prestariam.

Em 13 de agosto de 2009, o jornal *Correio da Manhã*, dá voz ao frei Francisco Sales que apresenta uma fala em defesa dos migrantes brasileiros associados, indiscriminadamente, com várias situações migratórias como tráfico, prostituição, criminalidade entre outros, o que acarreta em situações xenófobas e racistas.

... Os imigrantes envolvidos na criminalidade "são uma minoria, pela qual não pode pagar a maioria. Acontece o mesmo com os nossos emigrantes. Também há alguns que cometem crimes, alguns de morte", disse o frei Francisco Sales. Para D. Alessandro Ruffinoni, bispo auxiliar de Porto Alegre, Brasil, que preside à peregrinação, "quando acontece alguma coisa, o imigrante leva sempre com a culpa. São os primeiros a ser acusados". "Há gente que se aproveita dos estrangeiros, que estão 'enforcados' e facilmente podem cair em situações de violência e prostituição", explicou o bispo, adiantando que os brasileiros a residir em Portugal "se sentem humilhados com vergonha" dos conterrâneos a viver à margem da lei. O bispo da diocese de Leiria-Fátima, D. António Marto, depois de referir os estrangeiros, vítimas de "verdadeira escravatura e de condições infra-humanas" no Alentejo, destacou que a responsabilidade "não é só dos estados, mas também dos empresários" que os exploram. (CORREIO DA MANHÃ, 13.08.2009)

As reportagens que envolvem os discursos da Igreja Católica em relação ao migrante, por meio de seus religiosos como o bispo D. Laurindo Guizzardi e o frei Francisco Sales, revelam olhares contrários por parte desta instituição. O primeiro, sob a óptica do mercado de trabalho na qual a prostituição e os demais trabalhos informais encontram um terreno fértil na clandestinidade para o cooptação de mão-de-obra. Enquanto, o segundo relaciona a condição do migrante irregular a uma situação de vitimização.

A criminalização da migração feminina também está presente como, por exemplo, na reportagem “Brasileira fica presa no aeroporto de Bajas”. E traz como justificativa para o bloqueio da entrada a suspeita da migração ilegal

após a jovem justificar que estava indo para a Espanha conhecer a família do noivo.

A reportagem, que data da crise das migrações para a Espanha em 2008, dizia:

Janaína Agostinho tem toda a documentação exigida para a entrada de um brasileiro na Espanha, mas apesar disso – e a exemplo do que tem acontecido a inúmeros compatriotas seus nos últimos tempos – foi impedida de entrar no país. A jovem ia ter com o noivo espanhol, Esteban, a Madrid para conhecer a família dele e passarem vinte dias juntos. Janaína tem passaporte válido, chegou à Espanha com 500 euros no bolso, reserva em hotel e viagem de volta ao Brasil, mas nem isso demoveu os policiais que a detiveram ao chegar a Barajas, confiscaram-lhe os documentos, bagagem e telemóvel. A alegação é que Janaína não soube informar os pontos turísticos que iria visitar e não conhecia nada do país, o que levantou a suspeita de que fosse mais uma imigrante ilegal. Casos como este têm sido denunciados diariamente na imprensa internacional e fizeram o Brasil tomar a decisão de impedir também a entrada de espanhóis, o que deixou as relações entre os dois países muito tensas. Para tentar resolver a questão, Celso Amorim, ministro dos Negócios Estrangeiros de Brasília, telefonou ao homólogo espanhol, Miguel Angel Moratinos, que lhe garantiu ir pedir ao ministro do Interior, Alfredo Perez Rubalcaba, para diminuir as exigências feitas a brasileiros que chegarem às fronteiras espanholas até ao início de Abril. Nessa altura, refira-se, após a formação do novo governo de Madrid, ministros dos dois países vão reunir-se para tentarem pôr um ponto final na crise diplomática.

Apesar de ter a documentação exigida, de ter consigo o passaporte, dinheiro, reserva de hotel e passagem comprada de volta para o Brasil, Janaína não conseguiu dar entrada na Espanha. Mas do que qualquer outro problema, o jornal apresenta a questão da ilegalidade como justificativa para a prisão da mulher. Sabe-se que, durante a “crise das migrações”, as mulheres brasileiras que migravam para a Espanha ou para Portugal, eram para o governo dos respectivos países, migrantes, em potencial, que entrariam no universo da prostituição.

Para Pontes (2004), as mulheres brasileiras trazem em sua nacionalidade a atribuição de tropicalização, sensualização, sexualização e

exotização. Ou seja, mesmo que a mulher migrante brasileira não tenha como destino final a prostituição, o estigma criado em torno da sua nacionalidade lhe confere esse tipo de estereótipos.

Em pesquisa no CEDOC (Centro de Documentação) da Organização Jaime Câmara, em maio de 2012, tive acesso a inúmeras reportagens sobre migração no Estado de Goiás entre o período de 2000 a 2011. Na busca por reportagens foi utilizado o termo *migrantes no exterior* que teve como resultado 251 reportagens. Destas, 127 eram referentes à migração de goianos (as) para a Espanha e 33 reportagens sobre goianos (as) em Portugal. As demais notícias referiam-se a goianos (as) em outros países, como Suíça, Irlanda, Inglaterra, Estados Unidos e França.

Das reportagens veiculadas sobre Portugal as mais frequentes eram sobre o tráfico de seres humanos com fins na exploração sexual (13), outras notícias abordavam ainda mortes naturais (8), homicídios (6), clandestinidade (5) e deportação (1).

As notícias sobre tráfico de pessoas são, em geral, amplamente discutidas, ganhando páginas inteiras no jornal e manchete de capa. As reportagens são assinadas por duas jornalistas que tratam da temática com frequência: Marília Assunção e Carla Borges, mas há também outras notícias que são assinadas por outros jornalistas com menos frequência e outras que nem são assinadas. Desta maneira podemos dizer que as reportagens que falam sobre os migrantes são de gênero bruto ou *filet*⁵, outras, no entanto, são classificadas como narrativas, pois são maiores que as brutas, mais bem elaboradas, trazem imagens, relatos, relembram reportagens anteriores, entre outras características que as enquadram nesse tipo de gênero. Nas reportagens narrativas, que envolvem os fluxos contemporâneos, o assunto tráfico de mulheres ganha destaque.

Deste modo, entende-se que os meios de comunicação formam imagens do migrante e da imigração. Nem sempre a imagem relacionada com os migrantes são as melhores, principalmente no contexto da crise econômica europeia. O “outro” surge como um problema, e muitas vezes associado a atividades criminalizadas. Segundo Assis & Meriz (2011:03),

⁵ Notícias curtas dispostas dentro de uma caixa.

A mídia impressa e televisiva (sobretudo através dos grandes telejornais bem como dos principais jornais e revistas impressos) têm tido papel fundamental na negatividade dos processos migratórios, fortalecendo a falsa idéia de que esse é um processo novo e naturalizando o tratamento do mesmo como um “problema a ser resolvido”.

Dentro dessa ótica as mulheres são as que mais sofrem com a negatividade do migrante. Abaixo a reportagem forja a invenção do “outro”:

O trabalho investigativo que resultou na prisão dos sete acusados de integrar a quadrilha de tráfico internacional de pessoas em Anápolis foi iniciado há três meses, a partir da denúncia do pai de uma vítima à Polícia Federal (PF). “Ele alertou sobre a existência de um esquema para mandar mulheres para o exterior em Anápolis, encabeçado por uma mulher”, explica o coordenador-geral de defesa institucional da PF, delegado Wilson Salles Damazio.

As investigações indicaram que a principal articuladora do grupo na cidade goiana seria Neiva Jacoby, a Gaúcha. Conforme a PF, Gaúcha era a representante em Goiás de um grande aliciador europeu e tinha como tarefa contatar mulheres em Anápolis e região e mandá-las para a Europa. No Velho Continente, essas mulheres – tendo consciência ou não disso – eram encaminhadas para trabalhar no mercado do sexo.

Para localizar as vítimas, Gaúcha contava com o apoio de pessoas conhecidas nos bairros que agiriam como aliciadoras em segundo grau. É o caso da cabeleireira Laudelina Silva, cujo salão de beleza funcionava como ponto de contato. “Estas pessoas garantiam que era fácil ganhar dinheiro por lá”, salienta o delegado Damazio.

As interessadas eram orientadas a procurar Gaúcha. Ela reforçava as garantias de lucro fácil. Prometia emprego em trabalhos regulares e não esclarecia que estavam relacionados com prostituição. Só quando já estava na Europa é que a maioria percebia que havia caído em uma armadilha (O popular, 15.04.2001)

A reportagem sinaliza que as mulheres que vão para a Europa têm um contato superficial com quem às convida para migrar (o que poderia vir a configurar uma espécie de rede social) e têm a garantia de lucro rápido e fácil, geralmente associado a um trabalho não qualificado, do qual a população do país de destino não se ocupa. Aponta ainda o local no Brasil onde se configura

a rede de aliciamento (Anápolis) e o envolvimento com a polícia após a denúncia do pai de uma possível vítima de tráfico internacional.

Entendem-se nesta reportagem que as mulheres brasileiras, seja através da estratégia de sobrevivência (Kempadoo, 2005), seja pelo meio do arдил, são alvos fáceis para trabalharem no mercado do sexo na Europa.

A reportagem apresenta mulheres que estão alheias aos fatos que ocorrem na cidade e por ingenuidade ou por acreditarem que os aliciadores estão sendo verdadeiros acabam caindo no golpe. Porém, devemos lembrar que existem outras situações que estão colocadas. Existem mulheres que sabem que irão para a Europa para se prostituírem, entretanto não sabem das condições de trabalho e nem que com o tempo serão exploradas. E há ainda, mulheres que tentam apenas migrar e que não pretendem fazer uso do sexo para conseguirem dinheiro na Europa.

Deste modo, em razão das reportagens publicadas se cria uma ideia nacional e internacionalmente que as mulheres brasileiras que migram para a Europa vão para o mercado do sexo. Pontes (2004) aponta que algumas até usam da representação que lhes foi atribuída para tirar vantagens, porém há outras migrantes que se sentem humilhadas quando esse tipo de assunto é evocado, rompendo muitas vezes com relações de amizade que perduraram por anos.

Neste sentido, podemos dizer que, segundo Pinto (2011:17)

As matérias [jornalísticas] são uma construção social, uma representação e não um espelho dos fatos. Por isso, as notícias sobre migração e a forma como o migrante é tratado são, na verdade, construídas pelos jornalistas a partir de suas observações e influenciadas pela política editorial da empresa.

As brasileiras migrantes ao fazerem parte de enredos jornalísticos podem ser entendidas pelo leitor dos veículos de comunicação em massa como vítimas das redes de aliciamento para o tráfico internacional de pessoas com fins para a exploração sexual. O que precisa se levar em conta é que há mulheres que migram com a intenção de trabalhar no mercado do sexo e há também as mulheres que migram na expectativa de conseguirem empregos não relacionados ao mercado do sexo.

O jornal *Correio da Manhã* em 16 de abril de 2005, a matéria *Traficaram 200 prostitutas*, indicava que as mulheres que migram para Portugal são exploradas na medida em que são enganadas e levadas até aquele país, muito embora o título da reportagem deixe evidente que as migrantes que chegaram a Portugal já eram prostitutas no país de origem. Sérgio Vitorino, autor da reportagem, diz:

A Polícia brasileira, em colaboração com as autoridades portuguesas e espanholas, desarticulou anteontem uma rede que, no último ano, terá trazido para bares de alterne da Península Ibérica cerca de 200 mulheres destinadas à prostituição. A acção conjunta teve o nome de código 'Operação Castanhola'. Sete brasileiros, alegados responsáveis pelo tráfico de mulheres, foram detidos pela Polícia Federal na cidade de Anápolis, estado de Goiás. Entre eles estava uma mulher, apelidada de 'Gaúcha', que seria a líder do grupo, e o dono de uma empresa de turismo, que facilitava as viagens para Portugal e Espanha. Na empresa foram encontrados passaportes e outros documentos relacionados com a organização. A rede foi identificada a partir da denúncia do pai de uma das vítimas. Há três meses as polícias dos três países investigavam o caso. "Já tínhamos observado de forma discreta o embarque dessas mulheres no aeroporto de Goiânia e passamos as informações para as autoridades de Portugal e Espanha, que colheram provas de que as mulheres estavam realmente indo para a prostituição", afirmou o delegado Luciano Dornelas, da Polícia Federal. Ontem, em Espanha, foram detidas 23 brasileiras e o dono da casa de alterne onde trabalhavam. Em Portugal, a investigação está a cargo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Fonte deste organismo adiantou ao CM que não se registraram "para já" detenções em Portugal e que a colaboração com a polícia brasileira prossegue. A GNR do Fundão e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras detiveram, na madrugada de ontem, cinco mulheres brasileiras em situação ilegal, numa operação efectuada em quatro casas de diversão nocturna do conselho que resultou na identificação de 31 cidadãs estrangeiras. A maioria das mulheres são brasileiras (29), sendo as restantes uma cabo-verdiana e outra nigeriana. As suas idades variam entre os 20 e 50 anos. Além das ilegais presentes a Tribunal, cinco imigrantes foram notificadas para abandonar o País no prazo de 20 dias por também estarem em incumprimento com a Lei.

Indo ao encontro da reportagem citada anteriormente pelo jornal *O Popular*, percebe-se na reportagem do *Correio da Manhã* que a *Operação Castanhola* ganha destaque no Brasil e no exterior. A reportagem em ambos os jornais mostram que a migração destas 200 brasileiras oriundas de Anápolis (GO) é caso de polícia, não só por fazerem parte da seção policial dos jornais, mas também por apresentar uma rede de aliciamento de mulheres, prática comum no tráfico internacional de pessoas para a prostituição.

A reportagem traz ainda o perfil das mulheres ideais para o tráfico, que está relacionado com a condição de permanência no país, nacionalidade e faixa etária. De acordo com a notícia, as prostitutas são predominantemente brasileiras, possuem ampla faixa etária – de 20 á 50 anos – e, chegam ao país em situação regular, porém quando o visto expira, permanece em condição ilegal.

Complementando ao perfil descrito na reportagem, o coordenador da ONG *Brazil Resgate* e ativista social, Marco Aurélio de Sousa, diz que o perfil dessas mulheres é: jovens, de baixa renda, pouca escolaridade, arrimo de família, com filhos e que exalem brasilidade.

Para o Relatório *Pestraf*, as mulheres traficadas apresentam perfil semelhante.

(As) mulheres são oriundas de classes populares, apresentam baixa escolaridade, habitam em espaços urbanos periféricos com carência de saneamento, transporte (dentre outros bens sociais comunitários), moram com algum familiar, têm filhos e exercem atividades laborais de baixa exigência. Muitas já tiveram passagem pela prostituição (OIT, 2006: 25).

A reportagem trata ainda do crime transnacional e da violação aos direitos humanos que é o tráfico de mulheres para a prostituição. Este crime movimenta um mercado altamente lucrativo. Está arraigado em determinações globais no que tange as contradições sociais como etnia, renda, cultura, fragilidades do Estado-nação, gênero, entre outros.

O Ministério da Justiça juntamente com o UNODC (escritório das Nações Unidas para Drogas e Crimes) buscou apurar quais os estados brasileiros apresentavam a situação mais grave em relação ao tráfico de pessoas e, entre eles estavam o Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás.

Segundo, o relatório da OIT (Organização Internacional do Trabalho) de 2006 sobre o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, há uma justificativa para que o estado de Goiás apareça como ponto de saída do país.

No caso deste último, onde o aliciamento acontece principalmente no interior, profissionais que atuam no enfrentamento ao tráfico de pessoas acreditam que as organizações criminosas se interessam pela mulher goiana pelo fato de seu biotipo ser atraente aos clientes de serviços sexuais na Europa (OIT, 2006: 19).

Em campo, pude perceber que em Goiânia, as ONGs e o Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (NETP) atuam fortemente na prevenção do crime organizado. Por meio das ONG's, os ativistas sociais realizam ações como seminários, distribuição de *folders*, e eventualmente palestras em escolas, igrejas, entre outros meios para que a população não entre nas redes de aliciamento. Já o NETP, atua realizando atendimento as pessoas que foram vítimas desse tipo de crime. Vale lembrar que reportagens abordando as atuações das ONG's no Brasil e Portugal não foram encontradas.

Nem sempre as reportagens trazem em seu título a negatização da migração, mas seu conteúdo revela as dificuldades de migrar e viver em um mundo dito globalizado encampando temas como o tráfico de pessoa com fins para exploração sexual, a crise financeira que a Europa vivencia e o efeito dela na vida dos migrantes, as máfias que se formam em torno dos imigrantes indocumentados e as vulnerabilidades desse status migratório.

O jornal *O Popular* traz diferentes matérias que abrangem como tema geral as investigações policiais. Nestas reportagens, aparecem frequentemente as ações da polícia federal no aeroporto Santa Genoveva (Goiânia) ou ações conjuntas entre os governos brasileiro e português. Os temas centrais das reportagens é o tráfico internacional de pessoas com fins na exploração sexual para países ibéricos, seguido de redes de aliciamento. O nome das pessoas envolvidas tem sigilo de justiça quando amparadas na condição de vítima, enquanto que os traficantes e aliciadores tem a identidade revelada. Entre estes, os nomes mais citados são das irmãs Zenilde Borges, a “Rebeca” e Zenaide Borges, a “Bárbara”, responsáveis pelo tráfico para Espanha; além de Neiva Inês Jacoby, conhecida como “Gaúcha” que destinava mulheres para

vários países europeus. Ainda nestas reportagens, é possível identificar o local de atuação das quadrilhas: Cristalina, Uruaçu, Anápolis e Goiânia.

O jornal *O Popular* publicou temas de investigação policial e tráfico de pessoas, através das respectivas reportagens: *Rede comandada pela goiana Zenilde teria enviado 400 mulheres à Espanha* e; *Operação Castanhola desencadeada em Anápolis culminou na prisão de 66 pessoas em 3 países* e; *Operação Babilônia*.

O Ministério Público Federal (MPF) apresentou ontem, na 11ª Vara da Justiça Federal, denúncia contra 11 pessoas acusadas de envolvimento com a maior rede de tráfico internacional de mulheres, que seria liderada pela goiana Zenilde Borges. Pelas contas do MPF, juntos, os acusados teriam levado mais de 400 mulheres em dois anos para os 12 clubes da rede de casas noturnas El Cacique, pertencente a Zenilde, mais conhecida na Espanha como Rebeca. O MPF estima que, desse total de mulheres aliciadas pelo tráfico, 25% sejam de Goiás. Em 24/07/2001

Polícia Federal encerrou o inquérito que investigava a rede de aliciamento de mulheres para a prostituição na Espanha e em Portugal – que seria comandada por Neiva Jacoby, a Gaúcha, de Anápolis –, e já prepara outras operações contra cinco redes que alimentam o tráfico internacional de mulheres. Chamada de Operação Castanhola, a ação da PF em Anápolis teve desdobramentos em Portugal e na Espanha e culminou na prisão de 66 pessoas nos três países. Em 24/05/2006.

No exterior, as mulheres se tornam escravas do sexo. Um dos artifícios dos traficantes para mantê-las nessa situação é a dívida feita para a viagem. Antes, muitas mulheres eram atraídas para esse caminho por desconhecer o que ocorria realmente no seu destino. Hoje, porém, a PF acredita que a maioria que resolve emigrar já sabe qual será seu futuro papel. “Cerca de 90% das mulheres hoje já sabem que estão indo para a Europa para se prostituir. Elas vão conscientes. Mas isso não muda o tipo de crime que os traficantes cometem”, explica o delegado Luciano Dornelas, da PF, que coordenou as investigações do caso. Em 06/08/2005.

As experiências vivenciadas pelas mulheres foram relatadas em diversas reportagens do jornal *O Popular*, apresentando detalhes do cotidiano delas, como *Exploração Humana; Jovens aliciadas falam de maus-tratos e; Portugal, nova rota da prostituição*.

Segundo C., em 2001 ela viajou para a cidade espanhola, onde foi recebida por uma brasileira que se chamaria Cristina. No local, ficou hospedada por três meses no Hotel Leon de Ouro. “Em Bilbao, eu era obrigada a ficar até com dez homens por noite e tinha de pagar a hospedagem, alimentação e todas as despesas pessoais, recebendo muito pouco pelo duro trabalho”, contou. Segundo C., como ela não estava suportando esse ritmo, foi procurada por uma colega que a fez cheirar cocaína. “Eu entrei em estado de coma profundo, fui levada para um hospital e, quando melhorei, eles decidiram me mandar de volta, com a promessa de que seria recompensada assim que chegasse ao Brasil”, detalhou C., reclamando que nada do que foi prometido foi cumprido. (P.N.G., de Anápolis) em 16/04/2005.

As testemunhas afirmaram que foram enganadas pelos acusados, pois na Espanha chegaram a passar privações, eram proibidas de sair sozinhas (para evitar fugas) e obrigadas ao consumo contínuo de álcool, além de tratadas praticamente como escravas. Algumas mulheres que estavam lá havia muito tempo, segundo as testemunhas, pareciam estar doentes e deprimidas. M. disse ao *POPULAR* que agora conseguiu reconstruir sua vida. “A gente leva tanto tempo para se erguer depois de cair numa coisa estúpida como essa que fica com medo de que as pessoas saibam.” Ela, que está empregada, diz que nem o patrão nem os colegas imaginam que tenha passado por uma experiência como essa. Em 06/08/2002.

A goiana Renata (o nome é fictício para evitar constrangimentos no futuro) tem 41 anos e é cabeleireira. Foi pela primeira vez a Portugal em 2001, iludida por uma amiga que garantia um salário de R\$ 30 mil apenas para beber copos nos alternes, vivendo como acompanhante. Desceu no aeroporto em Paris já com uma dívida de R\$ 5 mil a pagar ao dono do bar, por conta das passagens aérea e de trem e da hospedagem.

Ao chegar teve a notícia de que tinha de fazer também programas com portugueses. Ela afirma que não aceitou. Começou ali um drama que ela planeja contar em um livro

que está escrevendo. “É um círculo vicioso que te domina, você deixa de ser você e passa a ser propriedade do patrão”, diz, amargurada pelas recordações.

“Quando o dono da casa me viu já ficou frustrado, ele pensava que eu era muito mais moça, pensava que tinha ido me prostituir”, afirma a cabeleireira, divorciada, mãe de três filhos e já avó. O bar fica na localidade portuguesa de Guimarães, a cerca de 300 quilômetros de Lisboa.

Ela conta que por muito tempo ficou driblando os clientes. Dizia que estava no período menstrual e apenas bebia a bebida para garantir um trocado – 50% do consumo é pago às acompanhantes. Durante o dia ela fazia o cabelo e as unhas das outras mulheres até que se mudou para outro bar do mesmo dono, o Novo Vício, em Visela.

Um dia ela tentou escapar da casa, como forma de fugir da dívida que estava ficando impagável por evitar os programas. Houve uma disputa por ela entre os donos de duas casas e Renata acabou conseguindo permissão para ignorar a dívida e trabalhar na cidade de Bustelo, na boate Nike Star, onde continuava, segundo afirma, apenas bebendo copos. Um dia conheceu um comandante da polícia e virou amante dele, passando a receber sua proteção, exatamente nas condições combatidas pelas Mães de Bragança. A relação não prosperou e ela fez um novo namorado pouco antes de decidir retornar a Goiânia.

Renata diz que ele a convenceu a voltar para Portugal, dizendo que montaria um café. Ela acreditou e retornou, mas novamente os planos de trabalho certo não prosperaram. “Fui trabalhar em um café, mas machuquei o ombro e perdi o emprego, fiquei vivendo às custas dele”, relata. Para deixar essa situação, aceitou trabalhar pesado no restaurante Manoel dos Leitões, na cidade turística de Polva do Vazi. “Cortava lenha a machado e lavava a louça com água fervendo, até que adoeci.”

Logo ela se viu novamente envolvida com os alternes para sobreviver. Próximo do lugarejo chamado de Penafiel, finalmente, Renata precisou se prostituir para garantir o sustento. “As portuguesas podiam apenas beber os copos, mas as brasileiras não tinham de fazer sexo obrigatoriamente com os clientes. Moralmente valemos pouco”, lamenta.

Como é ilícito aos alternes abrigar a prostituição, Renata cita que nem sempre eles tinham quartos com o mínimo de privacidade e higiene. “As condições muitas vezes eram precárias e imundas, com relações mantidas em sofás de pano”, afirma. Cada programa de 20 minutos

rendia a ela 50 Euros (cerca de 150 reais). “Fazia só dois por noite e com a dificuldade de quem nunca imaginou transar com alguém conhecido cinco minutos antes”, lembra.

Renata disse que se acostumou a ver meninas goianas brigando a tapa pelos clientes nos alternes. “Me sentia como vaca no matadouro, com a dignidade berrando por dentro, enquanto me matava aceitando clientes.” Em dezembro Renata conseguiu voltar. Desempregada até hoje, a despeito dessa situação e de ter consciência de que as dificuldades socioeconômicas no Brasil são a principal justificativa para uma aventura como a vivida por ela, Renata afirma que aprendeu a lição e nunca mais pretende retornar a Portugal. Em 06/07/2003.

Logo, percebe-se que, o cotidiano das mulheres envolvidas no tráfico internacional, sejam elas vítimas ou profissionais, não é nada fácil embora os ganhos financeiros sejam maiores quando comparados aos “programas” no Brasil.

Em geral, as mulheres que partem do Brasil para serem prostitutas em Portugal saem com uma dívida bastante alta referente aos custos da viagem (passaporte, passagem, moradia, alimentação, entre outros).

Chegando ao destino, tem o passaporte retido, dificultando exercer sua cidadania, mesmo num país estrangeiro, pois a falta de documentos levanta a suspeita de ilegalidade.

Assim sob o cárcere privado, elas permanecem vigiadas em tempo integral e suas ações são monitoradas. A jornada de trabalho é de aproximadamente 18 horas, estabelecendo uma meta de 10 à 20 programas diários. Além do sexo, que pode ser com ou sem preservativo, há uma cota de álcool e drogas a serem consumidas por elas e seus clientes.

As refeições são racionadas. Os quartos são úmidos e sujos, da qual é cobrada uma taxa a cada relação sexual que tiver roupa de cama trocada. Não é permitido: terem namorados e dormirem fora. Caso isto ocorra, pagará multa.

Quanto às necessidades fisiológicas fica proibido menstruar, caso aconteça, também é cobrado multa e devem circular pelo bar, coagindo os clientes a consumirem bebidas e outras drogas. Grávidas ou que tenham realizado aborto pagam multas diárias pelas faltas de trabalho, em alguns casos acabam sendo vendidas.

Enfim, poucas retornam, porém as que chegam ao Brasil e são atendidas pelo NETP, como é o caso de Goiânia, estão passando pelo processo de abstinência sexual e entorpecente.

Essas análises só foram possíveis diante do quadro que foi apresentado pela psicóloga do NETP, que atende clinicamente as mulheres que retornaram do tráfico.

Embora as reportagens não revelem os fatores que levam as mulheres brasileiras a migrarem, pois estes variam de pessoa para pessoa, algumas razões podem ser elencadas, como: falta de recursos econômicos, oportunidades no exterior, desejo por mais renda ou status, fuga da opressão e da estigmatização, desejo de aventuras e busca por estabilidade emocional.

Entende-se que as migrações são resultados do desenvolvimento econômico e social na ótica de um mundo globalizado. Elas promovem desde a erosão das fronteiras tradicionais entre línguas, culturas, grupos étnicos e Estados-nação, bem com a estagnação e desigualdade. Nesta sociedade de migrantes, todos são influenciados, desde familiares e amigos, até as comunidades que emitem e recebem tais migrantes.

Com a globalização o fluxo de pessoas pelo mundo tornou-se mais intenso no qual é tido como comum o termo Cidadão do mundo, fácil para aqueles que podem circular livremente como jogadores de futebol, modelos e empresários que tem seus passaportes e seus vistos legais diante do controle de migração.

As reportagens apresentadas aqui trazem representações das mulheres brasileiras na imprensa portuguesa e brasileira, e revelam que há um desrespeito e criminalização em relação a estas migrantes, pois constroem uma sexualização extrema encobrendo as diferentes experiências migratórias. Além disso, as reportagens influenciam um olhar que sinaliza para uma migração suspeita. “Esse preconceito cruza gênero e nacionalidade e acaba por fortalecer o discurso de ampliação das práticas de controle, vigilância e discriminação aos novos migrantes internacionais” (Assis & Meriz, 2011:11).

Em ambos os jornais as notícias sobre crimes e prisões são a maioria, seguido de deportações, ilegalidade e prostituição. No *Correio da Manhã* se percebe que os acontecimentos expostos nas notícias não são, na maioria das vezes, contextualizados nem desenvolvidos; diferentemente do *O Popular* que

procura situar seu leitor. Ambos os jornais remetem seus temas a sujeitos individuais, como é o caso de detenções, apreensões, deportações e acidentes/incidentes. Segundo Carvalho (2007) esse tipo de prática editorial jornalística faz com que o leitor sinta que os eventos noticiados fazem parte de seu cotidiano. Raramente os jornais apresentam uma notícia que envolva as temáticas: educação, cultura e habitação nos fluxos contemporâneos.

No *Correio da Manhã* e no jornal *O popular* a prostituição é referência por um recorte de gênero, onde se verifica que as mulheres são as mais envolvidas. E, no *Correio da Manhã* seguido das mulheres, os travestis.

Há, para ambos os jornais, uma confusão conceitual entre prostituição e exploração sexual. No *Correio da Manhã*, 62% das reportagens apresentam as brasileiras na indústria do sexo. Além disso, verifica-se que em ambos os jornais as atividades desenvolvidas pelos migrantes se concentram em setores não qualificados.

Capítulo 2 – A cidade de Goiânia

A década de 1990 apresentava alto índice de desemprego em todo território nacional¹. Após 21 anos de ditadura militar (1964-1985) o país passava por um processo de redemocratização e tentava diferentes planos econômicos para salvar a moeda nacional que sofria forte desvalorização e que refletia no aumento da crise financeira.

A partir da década de 1990, no contexto da globalização contemporânea, tanto o Brasil quanto Goiânia, independentemente da escala, estão inseridos nesta nova etapa do capitalismo, onde se intensificaram os fluxos de pessoas, mercadorias, informações e capitais. Favorecida pelas inovações tecnológicas do campo das telecomunicações e transportes, a globalização estabelece uma nova divisão internacional do trabalho (DIT), no qual durante o milagre econômico o país passa a ser um exportador de bens industrializados devido a instalação das empresas transnacionais atraídas pelo grande mercado interno, abundância de matérias-primas e os incentivos fiscais.

Na virada dos anos 2000, Goiânia, como toda a região do Centro-Oeste torna-se um grande celeiro agrícola, alvo do desmatamento do cerrado para novos cultivos com sementes modificadas geneticamente, tanto por transnacionais quanto pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). O Pantanal com toda a sua exuberante fauna cede espaço para a pecuária extensiva: é o “boi verde” brasileiro disputando com o mercado internacional com o “boi bombado” desenvolvido a base de rações, antibióticos e manipulação genética. Nesta fase, década de 1970/80, a uma grande euforia regional com as oportunidades de emprego e consequentemente de crescimento populacional.

Entretanto na década seguinte, a concorrência com os produtos importados contribuiu para o deslocamento da população economicamente ativa (PEA) para o setor terciário, estimulando a metropolização das capitais; no caso goiano para a cidade de Goiânia e Anápolis (distante 60 km). Com o plano real (1994) a moeda nacional valorizou-se facilitando a importação. No cenário local, a agropecuária se moderniza com a aquisição de tratores,

¹ Durante o governo Collor (1990-1992) adotou-se uma política neoliberal cuja abertura da importação provocou um aumento significativo na taxa de desemprego diante da concorrência da indústria nacional com os produtos importados, era o fim do protecionismo de mercado.

máquinas, sementes selecionadas e agrotóxicos; beneficiando-se do dólar baixo. O êxodo rural, resultante da mecanização do campo, faz parte do desemprego estrutural estimulado pelo desenvolvimento tecnológico das máquinas em busca da produtividade, da qual reduz os postos de trabalho tanto na indústria como na agropecuária, deslocando os trabalhadores para o setor terciário, como o comércio e a prestação de serviços.

No início deste século o Centro- Oeste supera a região Sul na produção agropecuária e torna-se o novo celeiro do país, atraindo agroindústrias que visando reduzir custos com logística se instalam no interior. É neste mesmo período que Goiânia e Anápolis a indústria farmacêutica. Esta contribui para que Goiás se torne o terceiro maior pólo farmacêutico do Brasil e com especialização na fabricação de medicamentos genéricos, estimulados por meio de incentivos fiscais do governo do estado.

Neste interim de desenvolvimento industrial, crise econômica e globalização de serviços e pessoas que sujeitos de países periféricos migram para países industrializados, ditos países de 1º mundo. Assim, o Brasil, que anteriormente era um país que importava mão de obra², a partir da década de 1980 passa a buscar no exterior a possibilidade de mudar de situação econômica. Segundo Sales (1991) já no início da década de 1990, 1,25 milhão de brasileiros teriam deixado o país, o que significa uma evasão de 1% da população brasileira.

Segundo Assis,

(...) o fluxo de brasileiros para o exterior tornou-se uma questão relevante, na medida em que o que era um movimento esporádico para o estrangeiro nos anos 1970 transformou-se em um fluxo migratório demograficamente significativo (ASSIS, 2003:199).

Assim, entre as décadas de 1980 e 1990 alguns brasileiros tomam como destino os EUA, Japão, Portugal e Itália, inserindo o país nos novos fluxos migratórios como mão de obra.

² A história brasileira é permeada por diversos momentos de recebimento de pessoas oriundas de outros países. No princípio, ainda quando de sua colonização, recebeu portugueses, espanhóis e holandeses. Seguindo os períodos históricos, o Brasil passa a receber durante o século XIX italianos e alemães e durante a república velha recebeu japoneses. Mais recentemente o país passou a receber outros povos como árabes, bolivianos e população do MERCOSUL, entre outros.

É neste contexto que se intensifica a migração contemporânea internacional na cidade de Goiânia, surgindo então fluxos para os Estados Unidos, Portugal, Espanha e mais recentemente para a Irlanda na tentativa de buscar melhoras na qualidade de vida.

Atualmente a cidade de Goiânia abarca pessoas de diferentes partes do país, ao passo que também está inserida nas novas conexões globais com fluxo migratório para vários destinos. Aldevina Maria, coordenadora da Pesquisa: “Tráfico de mulheres em Goiânia – olhares sobre as necessidades das mulheres traficadas”, diz que “ $\frac{1}{3}$ da população de Goiânia não nasceu na cidade, vieram de fora, configurando uma situação de migração do Estado que é muito grande”.

A grande aldeia global permite uma circulação cada vez maior e mais rápida de informações, bens, serviços e pessoas. O comércio move o mundo. Os brasileiros, de modo geral, entraram no mundo globalizado de diversas maneiras, seja pelo acesso legal³ ou pelo acesso indocumentado a outros países. Esse fluxo que se dá a partir da década de 1970 em diferentes partes do nosso país despertou a curiosidade de diferentes pesquisadores sobre o tema: migração internacional.

As pesquisas de Margolis (1994/2003), Martes (1999), Sales (2001/2005), Fusco (2001), Assis (2003), Campos (2007), Siqueira (2006), Santos (2007) e Meriz (2007) apontam que no Brasil em 1980 o principal destino de migração foi os Estados Unidos, com exceção dos *decasségus*. No início do século XXI um número considerável de brasileiros passaram a escolher a Europa como destino para seus projetos migratórios.

Dentre os motivos que levam os brasileiros a migrarem, temos como atração do outro lado da margem, o anúncio de uma qualidade de vida européia e a não cobrança de visto para a entrada em alguns países europeus.

A década de 1990 apresenta com destaque a migração de brasileiros para o exterior, tendo em vista que, é nesse período que há uma intensificação na vigilância de fronteiras nos EUA e nos países europeus na tentativa de

³ Como modelos, jogadores de futebol, empresários, turistas que comprovam vínculo com o país de origem e que garantem ao país receptor o seu retorno.

retrair a entrada de imigrantes ilegais. Como consequência temos um grande numero de deportações.

Deste modo, o Brasil, que não estava preparado para atender a diáspora brasileira⁴, teve que aprender a lidar com as tentativas (in) sucesso migratório que refletiram em mortes, delitos, prisões e inadmissões dos seus cidadãos, ou seja, quando o projeto migratório imaginado não dá certo, as autoridades brasileiras, e os locais de maior incidência de emigração tiveram que se organizar para receber os migrantes que retornaram, ou acelerar o processo de deportação dos que haviam sido pegos pela polícia migratória, ou até mesmo a realização do traslado do corpo (ou cinzas) de quem migrou e foi levado a óbito. Assim, as sociedades que apresentavam uma maior incidência no fluxo migratório viram surgir ONG's e apoio por parte de seus governos para auxiliar quem foi e quem ficou.

Neste contexto o estado de Goiás e a cidade de Goiânia e região vão ganhando destaque no cenário internacional do fluxo migratório. Trabalhos acadêmicos sobre os goianos no mundo foram e estão sendo desenvolvidos, entre eles podemos citar brevemente: Ribeiro (1998), Fernandez & Chaveiro (2010), Pereira (2009) e Silva (2011).

O fluxo de goianos e goianienses para os Estados Unidos da América têm início na década de 1960. Gustavo Lins Ribeiro (1998) diz que esse fluxo é marcado pela vulnerabilidade do migrante “sertanejo”, e aponta uma transnacionalidade marcada pela tradição rural, pela família e pelo compadrismo. Outros autores também dissertam acerca da conexão Goiânia-EUA. Rodrigues (2007) aponta o trabalho como o principal fator para a existência desse fluxo. Para o autor, há uma desterritorialização globalizada do trabalho. As imagens construídas e veiculadas pelos imigrantes fazem repensar os conceitos e ampliam novos entendimentos sobre a migração goianiense para os EUA. Fernandez & Chaveiro (2010) tratam da temática apontando as imagens e as práticas espaciais do migrante goiano na região de Bay Area em San Francisco – Califórnia. Dissertam sobre a ambigüidade de viver entre dois lugares, prática comum da condição migrante. Procuram

⁴ Entende-se por diáspora a concepção trazida por Stuart Hall, na qual é composta por uma representação binária de diferença. De um lado a construção do “outro” e uma posição rígida de dentro e fora. Por outro lado, o significado de cultura não fixado definitivamente, tendo em vista que este está sempre em movimento.

entender as expressões culturais expostas pelos goianos que vivem na região metropolitana por meio da geografia e de suas falas.

Almeida (2009) trata das ambigüidades de ser ex-migrante em Barcelona, Espanha. O foco da pesquisa é a cidade de Caturai, que está a 32 km da capital Goiânia. Por viverem da agricultura e da pecuária, o fluxo internacional na cidade data do ano 2000 e por essa razão muitos caturaienses trabalham e estudam em Goiânia⁵. Não há como dizer que cada família da cidade tenha ao menos um parente ou um amigo que vive ou viveu no exterior. Dentre os países de destinos estão: Bélgica, Estados Unidos da América, Portugal e Espanha. A população migrante é em geral jovens e adultos homens. E para a autora, o trabalho é o principal motivo do êxodo⁶. Além disso, a questão norteadora é (des) territorialização e a reterritorialização que podem envolver diferentes pessoas e modificar o espaço e o tempo.

Segundo Silva (2009) a Espanha sempre foi um país de emigração, ao tornar-se um país imigrante foi consequência da entrada da Espanha na Comunidade Econômica Europeia (CEE).

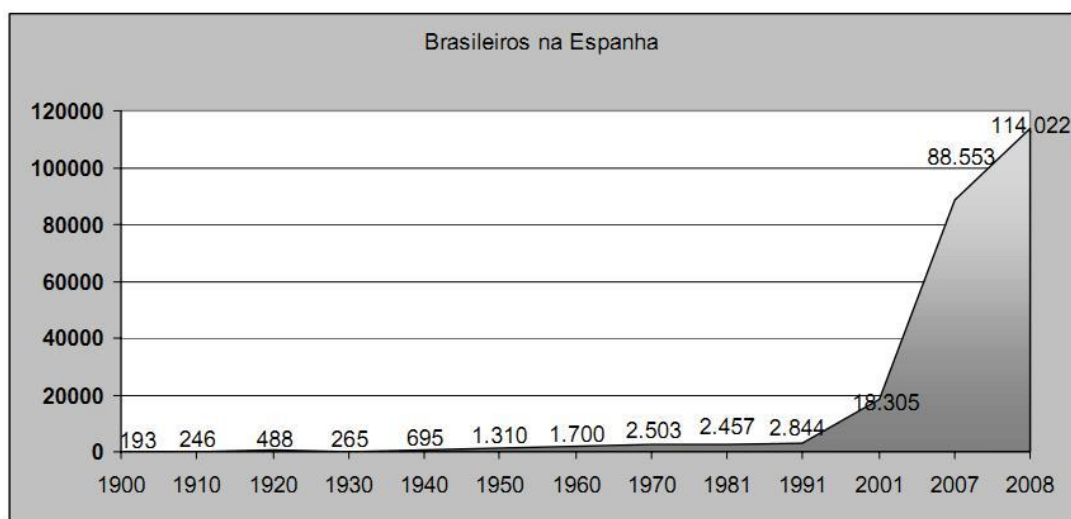
Em 1991 o censo nacional espanhol contabilizou 2.844 brasileiros vivendo na Espanha o que corresponde a um crescimento de 16% em relação a década anterior. O perfil era: 63% mulheres, entre 25 a 39 anos, 65% da população tinha ensino fundamental e médio completo (INE, 1991).

Passados dez anos este número mudou para 18.305 e em menos de cinco anos chegava a aproximadamente 70 mil (INE, 2001 e 2006).

⁵ Caturai se torna cidade dormitório e parte de seus cidadãos realizam um movimento pendular quase que diariamente.

⁶ Segundo Sayad (1998), o migrante é reconhecido na sociedade de destino por meio de sua força de trabalho e assim sendo, sua permanência no país receptor é sempre mutante no sentido de estado provisório (que tende a se prolongar) ou estado duradouro (com desejo de retorno) (p.45), porém independente do tempo de permanência do migrante, Sayad apontou que este é visto como indispensável para a expansão econômica francesa mas seu *status* na hierarquia social é sempre inferior ao do nativo (p.47).

Gráfico 1: Brasileiros na Espanha



Fonte: Censos populacionais e Padrões Municipais – Instituto Nacional de Estatística da Espanha – 1900-2008

O gráfico revela um crescimento populacional brasileiro na Espanha a partir do ano 2000. Logo, tem-se o início da crise das migrações brasileiras para a Espanha (2008) com um grande número de deportações provenientes do aeroporto de Bajas sinalizando que “os brasileiros haviam invadido a Espanha”. Nesta época, segundo o INE 2008, o número de brasileiros chegava a 110 mil pessoas que moravam na Catalunha, Andaluzia e comunidade Valenciana e a grande maioria era mulheres (60%).

Outros trabalhos marcam outras conexões de Goiânia com o mundo globalizado. Silva (2011) discorre sobre o cidadão sertanejo na República da Irlanda, e de lá procura entender como essa experiência migratória reproduz um impacto para a cidade acerca de seus sujeitos, seus sucessos e as leituras que fazem de si mesmo. Para a autora, o início do fluxo para Irlanda está enraizado na década de 1990 e associado ao fechamento de um frigorífico na cidade de Anápolis (60Km de Goiânia) e em seguida a contratação para trabalhar legalmente em diferentes frigoríficos na Irlanda.

Pereira (2009) apresenta a conexão de Goiânia com Portugal, enraizada na década de 1980. Para a autora a migração para Portugal se divide em duas fases. A primeira relacionada com uma mão de obra especializada: empresários, profissionais liberais em especial dentistas. A segunda fase, relacionada compreendida entre 1998 e 2002 onde os imigrantes apresentam

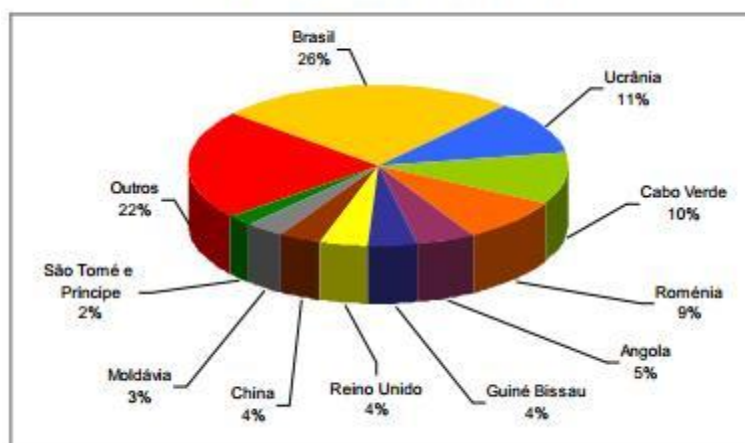
características socioeconômicas bastante divergentes: empregados do comércio, da construção civil (serventes e pedreiros) e no ramo da faxina.

Pensando a presença de brasileiros em Portugal Silva (2009) aponta que a década de 1980 foi permeada por muitas crises financeiras no Brasil o que estimulou a saída de muitos brasileiros para o exterior. Portugal não ficou de fora dos roteiros escolhidos pelos brasileiros. Além da facilidade da língua, Portugal havia sido incorporado na Comunidade Econômica Europeia, assim o número de brasileiros em Portugal a partir da segunda metade da década de 1980 teve um crescimento expressivo alcançando aproximadamente entre 12 a 20 mil brasileiros.

Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de Portugal mesmo com a crise econômica da Europa em 2011 o número de estrangeiros residentes⁷ no país é de 436.822 cidadãos. Destes, 47,9% são oriundos de países de língua portuguesa. O Brasil se destaca com 25,5% da população, o que significa dizer que 111.445 indivíduos são brasileiros, ou seja de cada quatro estrangeiros um é brasileiro. A população brasileira em Portugal dividida por gênero revela um número maior de mulheres (63.927) do que de homens (47.518). Para o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras depois dos brasileiros as maiores comunidades estrangeiras são de cabo-verdianos (10,1%), angolanos (4,9%) e guineenses (4,2%). Outras nacionalidades relevantes são de romenos e ucranianos que compõem respectivamente 9% e 11% da população estrangeira residente em Portugal. (Silva, 2009)

⁷ Para efeitos estatísticos adota-se um conceito abrangente de estrangeiro residente em Portugal, que engloba os estrangeiros detentores de título de residência e os estrangeiros a quem foi prorrogada a permanência de longa duração.

Principais Nacionalidades – Stock

Gráfico 2: Relatório do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras - (2011,p.17)⁸

Principais Nacionalidades – Stock

PAÍS	SEXO	TOTAL 2011	Títulos de Residência	PRORROGAÇÃO DE VLDs	TOTAL 2010
BRASIL	HM	111.445	111.295	150	119.363
	H	47.518	47.448	70	52.478
	M	63.927	63.847	80	66.885
UCRÂNIA	HM	48.022	48.010	12	49.505
	H	25.883	25.875	8	27.165
	M	22.139	22.135	4	22.340
CABO VERDE	HM	43.920	43.475	445	43.979
	H	20.800	20.627	173	20.773
	M	23.120	22.848	272	23.206
ROMÉNIA	HM	39.312	39.312	-	36.830
	H	22.441	22.441	-	20.924
	M	16.871	16.871	-	15.906
ANGOLA	HM	21.563	21.329	234	23.494
	H	10.331	10.182	149	11.534
	M	11.232	11.147	85	11.960
GUINÉ-BISSAU	HM	18.487	18.131	356	19.817
	H	10.530	10.386	144	11.636
	M	7.957	7.745	212	8.181
REINO UNIDO	HM	17.675	17.675	-	17.196
	H	9.121	9.121	-	8.869
	M	8.554	8.554	-	8.327
CHINA	HM	16.785	16.595	190	15.699
	H	8.648	8.593	55	8.161
	M	8.137	8.002	135	7.538
MOLDÁVIA	HM	13.586	13.586	0	15.641
	H	7.072	7.072	0	8.310
	M	6.514	6.514	0	7.331
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	HM	10.518	10.274	244	10.495
	H	4.823	4.730	93	4.751
	M	5.695	5.544	151	5.744

Tabela 1: Relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2011 – p.18)⁹⁸ Disponível em http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf. p.17. Acessado em 14 de novembro de 2012.⁹ Disponível em http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf. p.18. Acessado em 14 de novembro de 2012

No que tange aos trabalhos recentes que envolvem diretamente a cidade de Goiânia e região falta ainda discorrer sobre os estudos de Téchio (2006) que tratam os brasileiros e as brasileiras nas capitais Lisboa e Madri e realiza uma comparação socioeconômica e cultural desses imigrantes. O que se pode perceber é que os migrantes brasileiros estudados por Téchio se dividem em dois grupos. Os que foram para Madri, em grande maioria, possuíam ensino superior (in) completo, conseguiram no país de destino, empregos relacionados com a área que atuavam no Brasil, migraram em família e tinham acesso facilitado à internet e as redes sociais virtuais. Já os que migraram para Lisboa, em grande maioria, possuíam apenas o ensino fundamental ou o ensino médio (in) completo, seus empregos eram divididos por gênero (construção civil e faxina, na maioria das vezes), migraram sozinhos (solteiros, separados ou deixaram os cônjuges no Brasil) e tinham acesso restrito as redes sociais virtuais. Ambos escolheram os países de destino por haver algum tipo de rede social que facilitaria o projeto migratório e também pela similaridade do idioma.

O *push and pull* (repulsão e atração) é considerado uma das teorias que explica a migração de goianos e está ligado à fatores como diferenciais de renda e emprego. Os emigrantes partiam em busca de melhores salários em relação a sua terra natal para regiões que exerceriam o efeito de “atração”, no caso as cidades industriais nos EUA e Europa Para alguns estudiosos, como Assis (2004), Sassen (2007), Pereira (2009) a teoria do push pull não justifica todo o contexto migratório, tendo em vista que há locais onde há grande índice de desemprego, porém não possuem uma cultura migratória.

Goiânia e região possuem uma cultura de migração, que pode ser justificada pelas redes sociais estabelecidas na própria cidade. O mundo globalizado está ligado em redes e todos nós fazemos parte. Mas de que maneira? Como cidadãos? Como mão de obra? Como consumidor? Ou como mercadoria?

As redes sociais estabelecidas na cidade de Goiânia e região apresentam grande importância no processo migratório. As escolhas dos destinos não se dão aleatoriamente, mas sim por meio dessas redes já estabelecidas na inscrição da cidade. As redes viabilizam a viagem, o acolhimento inicial, o *help* da migração de longa distância.

Em Goiânia é visível à influência do processo migratório e o desenvolvimento social que a migração trouxe, como a aquisição de bens de consumo. No trabalho de campo pude perceber um bairro que se desenvolveu somente com o dinheiro das remessas enviadas por migrantes que foram para a Europa e EUA.

O conjunto Vera Cruz é um bairro pacato, com aspecto de um local interiorano, onde os moradores se conhecem e são muito gentis uns com os outros e com os que vêm de fora. O bairro ainda está se desenvolvendo. É um bairro considerado pelos padrões da prefeitura como um local onde moram pessoas de classe média. Está situado às margens da rodovia estadual GO-060 e tem saída para o município de Trindade. O bairro conta com o terminal de ônibus Vera Cruz e é dividido em quatro partes. Apresenta pouco comércio e se configura como um bairro residencial, as casas possuem energia elétrica e água tratada, porém nem todas as ruas são pavimentadas. É local para a especulação imobiliária, tendo em vista que possui um significativo número de terrenos baldios.

As experiências migratórias fazem parte da rotina dos moradores e são compartilhadas entre retornados e aspirantes à migrante em frente ao Supermercado Goiabão e a loja da Rede Ratinho e também na pracinha do bairro.



Figura 1: Foto do Bairro Vera Cruz em Goiânia- GO (2012).
Fonte: Gisele Meriz - Arquivo pessoal.



**Figura 2 - Bairro de Vera Cruz, Goiânia – GO (2012).
Fonte: Gisele Meriz - Arquivo pessoal.**

Segundo Elie Chidiac¹⁰, os investimentos realizados com as remessas de dinheiro que vem do exterior são efetuados no mercado imobiliário: casas, apartamentos e terrenos, e em como cabeças de gados. Os goianos que enviam as remessas ocupam profissionalmente, no exterior, serviços como: açougueiros, pedreiros, entregador de pizza, arrumadeiras, faxineiras, garçonetes, cabeleireiras (os) e dançarinas.

Em meio à conversas informais com os moradores do bairro foi possível perceber que as remessas enviadas, têm reverberado no mercado imobiliário. Em um passeio com um morador, retornado de Portugal, conheci diferentes casas que haviam sido compradas e/ou ampliadas com o dinheiro vindo do trabalho no exterior. Por essas mesmas conversas percebeu-se que o dinheiro era enviado a algum parente próximo que estava no Brasil e este administrava os investimentos.

Há ainda investimento em atividades que foram aprendidas no exterior, como é o caso de um açougue montado em frente à residência de um retornado de Londres. A experiência obtida no exterior tornou-se o ganha pão da família, pois os pais e os filhos trabalham hoje no estabelecimento e vivem da renda do mesmo.

¹⁰ Entrevista cedida pelo secretário de assuntos internacionais do governo do Estado de Goiás, Elie Chidiac, à revista da Universidade Federal de Goiás em julho de 2011.

Ainda em campo, entrevistei uma jovem que foi para a Espanha em 2004 e permaneceu no país por 5 meses e retornou para o Brasil. Após uma decepção amorosa a jovem retornou para a Espanha, largando o emprego que tinha em um banco. Já na Espanha, trabalhou em diferentes empregos: bar, restaurantes, cafeterias, distribuidora de alimentos, salão de beleza e escritórios. Atualmente vive na Itália (saiu da Espanha na tentativa de se proteger da crise que estava começando), trabalha no ramo imobiliário, está casada com um espanhol

Com o dinheiro que ganhou no exterior ajuda pessoas da família que moram no interior, auxilia os pais que moram em casas separadas, trocou de carro e comprou dois lotes no caminho que leva para o município de Trindade. A jovem agora tem como planos construir uma casa nos lotes comprados. Na Espanha, a jovem disse que não investiu em nada porque pensa em voltar para o Brasil.

O que foi possível perceber em campo é que o que sustenta a compra e venda de imóveis e terrenos em Vera Cruz são as remessas enviadas. As redes sociais tem papel importantíssimo, pois é por meio delas que os que pretendem migrar transformam seus projetos em realidade. As redes estabelecem um capital simbólico que perpassa por diferentes segmentos (família, amizade, religião, coleguismo, etc) facilitando para quem chega ao seu destino no sentido de conseguir um emprego, um local para morar, entre outros *helps*. Após, estabelecidas, as redes sociais com quem ficou no Brasil criam outros laços, pois são aqueles que ficam que administram os recursos enviados.

Além das redes, as histórias de sucesso também são contadas nas esquinas dos bairros entre os moradores, tornando a emigração parte do horizonte de expectativas (Koselleck) dos emigrantes, criando uma cultura migratória que incentivando quem não migrou a partir para outro país em busca de uma vida melhor.

Porém, histórias de fracasso no projeto migratório foram reveladas e veladas. Como é o caso de um homem morado de Vera Cruz que vivia com a mãe e o padrasto.

Em busca de uma qualidade de vida que não alcançava no Brasil, migrou para Portugal em 2007 com o apoio da rede familiar. Deixou a mulher e

as duas filhas no Brasil e foi sondar o terreno na Europa para depois fazer o rearranjo familiar.

Em Portugal, a família vivia na cidade de Queluz, no distrito de Lisboa. A vida dessa família migrante não revela facilidades. O homem não conseguiu emprego com estabilidade, trabalhou em diversos setores e houve uma época em que ficou desempregado. A mulher trabalhava como doméstica na casa de portugueses advogados que fizeram-na assinar um papel do qual se pedisse demissão não teria direito algum.

A situação financeira em Portugal se tornou pior do que a que viviam no Brasil. A família não podia contar com o dinheiro do homem, pois nem sempre conseguia bicos e nem emprego, e a esposa recebia apenas 400 euros. Deste, 300 euros eram para o aluguel, 40 para o dízimo (a família freqüentava a igreja Deus é amor) e 60 euros restantes eram para a condução da esposa para o trabalho, pois os patrões não pagavam o transporte.

Deste modo, as filhas do casal estudavam em período integral e faziam refeições na escola e os adultos comiam restos doados pela patroa da mulher. Tendo em vista que a situação que a família estava inserida, pode-se deduzir que os mesmos não tiveram acesso aos bens de consumo. Segundo o relato do migrante, suas roupas eram encontradas em lixeiras e as roupas da mulher e das filhas eram doadas pela patroa da esposa.

Para piorar, sua mulher conseguiu o direito de permanência no país, tornando-se legalizada, porém não quis aplicar ao marido dando preferência para as filhas.

Você estava com a situação regularizada lá?

Entrevistado: Não, por isso que eu não consegui tanto emprego. Eu corri tanto atrás dessas documentações, mas eu não conseguia, porque a minha esposa quando era para ela ter me ajudado a tirar o documento, ela preferiu tirar primeiramente o documento das meninas e deixar eu por último. Aí depois, quando ela foi colocar as meninas como dependente dela, colocou as duas, depois quando era pra me colocar, eu não tinha o direito mais. Não tinha direito porque o IRS que eles olharam lá, a renda dela era um salário mínimo e não era compatível me agregar a ela pra fazer o meu documento. Aí tentei correr atrás de contrato, consegui um contrato lá, mas... Consegui até pessoa que pagasse a segurança social pra mim, mas eu vi que ia demorar demais e a pessoa

desistiu. Não pagou mais a segurança social pra eu poder dar entrada nos documentos. Tive que mandar aqui do Brasil pra mandar daqui é os antecedentes criminais, que de lá não vale, e certidão de casamento atualizada, que essa aqui não vale lá. O de lá não vale porque precisa de pelo menos um prazo de seis meses que daí você tem que atualizar a sua... todo ano você tem que atualizar a certidão de casamento. Teve que mandar pra Brasília pra daí eles mandar aqui pra Goiânia, pra mandar pra Brasília de novo e mandar pra cá e daqui mandar pra lá.

Neste contexto, o homem contrai uma doença que o levou a internação. Quando recebeu alta retornou ao Brasil com ajuda financeira da mãe. No período em que o marido esteve hospitalizado, a migrante teve sua diabetes elevada, passando por diversas crises e consequentemente faltou no serviço e seu salário foi descontado.

Na época em que conversei com o migrante retornado de Portugal, sua situação ainda era complicada. Ele ainda estava em tratamento, adequando os remédios brasileiros ao europeu, sendo que um deles não é produzido no Brasil, então deveria ser importado.

A esposa e as filhas ainda estavam em Portugal em uma situação financeira precária, agravada pela crise que a Europa estava sofrendo. Por conta da saúde precária, ele não pode trabalhar e assim não consegue juntar dinheiro para comprar as passagens dos familiares. E no Brasil, o migrante retornado é mantido pela mãe e pelo padrasto, pois além de ter sua casa saqueada no período em que esteve fora, não tem dinheiro para sobreviver. Mesmo os que não tiveram “sorte” procuram algo para tornar a migração válida. Seja a troca cultural, a aquisição de bens de consumo¹¹ ou mesmo a experiência de vida.

O Conjunto Vera Cruz chegou aos meus conhecimentos de modo ocasional. Não foi um bairro do qual eu já sabia da existência de imigrantes

¹¹ Em entrevista, o cidadão que retornou de Portugal depois de um projeto de insucesso revela que alguns bens de consumo adquiridos foram na verdade encontrados no lixo, como por exemplo, a camisa do Brasil e a calça jeans que vestia. Celular, calça jeans nova ainda com etiquetas da loja, sapatos, tênis e gravador também foram achados. Já a jovem migrante que rumou para a Espanha seguido da Itália, falou que com o dinheiro que ganhou em ambos os países comprava produtos como perfumes, eletrônicos roupas de marca internacional, pois se tornaram mais acessíveis. No que tange ao capital cultural a jovem revela durante a conversa que conheceu outros países europeus. Já o migrante de insucesso disse que faltou muito dinheiro e por esta razão não conseguiu se quer visitar a cidade de Fátima e a Serra da Estrela (local onde cai neve), embora houvesse excursão nos fins de semana para lá.

retornados. Indo participar da reunião do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (GO), no Centro de Referência Estadual da Igualdade, minha mãe iniciou uma conversa com o migrante de insucesso retornado de Portugal. Ele estava no local em busca de ajuda para conseguir o retorno de seus familiares, e minha mãe estava disposta a ouvir sua história. Foi por intermédio desse ex-migrante que o bairro se abriu como campo de pesquisa, pois o homem fez contato com outros migrantes retornados e me colocou em contato com eles.

Vera Cruz é apenas um exemplo, porém o que conseguimos perceber ao vivenciar a cidade é que a cultura de migração está colocada. Independente de com quem se converse sempre há alguém que é conhecido, parente, amigo que migrou ou que está vivendo fora do país.

A temática é tão presente que em simples passeios e em conversas informais se consegue perceber o fluxo migratório no bairro e na cidade. Histórias de pessoas que foram e ficaram e, de pessoas que foram e voltaram e seus destinos são diferentes países são palco de situações corriqueiras.

Numa tarde de domingo, ao ir ao bosque dos Buritis conheci um casal muito simpático. Esse casal perguntou de onde éramos e se estávamos passeando. Explicamos a razão da nossa visita à cidade e a partir daí ambos começaram a refletir se conheciam alguém que se enquadrasse como migrante para Portugal. Eles tinham uma conhecida (mãe de um colega de classe da sua filha). Dois dias depois o casal nos ligou no hotel contando-nos o que conseguiram descobrir. As informações eram vagas e deram a entender que a mulher que migrou havia ido para a prostituição. Passaram o telefone que haviam conseguido para que fosse realizado o contato. As tentativas foram feitas mas foram em vão. O número de telefone era de uma parente da mulher que migrou, e após eu me identificar a parente falou que hoje em dia não se podia confiar nas pessoas e que não daria informações e nem passaria recados.

As tentativas de obter informações foram diversas, e os insucessos de obtê-las também. Conseguir pessoas dispostas a relatar suas aventuras e desventuras foi tarefa árdua como se pode perceber nas narrativas a seguir.

Em um supermercado, perguntei à atendente do caixa se ela conhecia alguém que tivesse migrado para Portugal. Com olhar de espanto, a operadora diz que sua mãe havia morado em Portugal e já tinha retornado. Por telefone, a

senhora contou que não gostou do país e por isso ficou pouco tempo, não se adaptou ao clima e estranhou o povo. Deixamos o restante da conversa agendada para outro dia, porém não ocorreu pois um familiar adoeceu e ela não foi ao encontro.

Em uma das feiras realizadas na cidade a artesã de cintos me disse que sua vizinha tinha um filho que morava na Espanha e que havia retornado naquela semana. Ao meu entender o garoto ficaria pouco tempo na casa da mãe, pois com o dinheiro adquirido no projeto migratório tinha comprado uma casa e logo se mudaria. Peguei os telefones mas também não obtive bons resultados, os números eram de celulares que endereçavam as ligações para a caixa postal.

Segundo Silva (2009) a migração de brasileiros para o exterior aparece na mídia no final dos anos 1980, nesta época os veículos de comunicação em massa sinalizavam mais de um milhão de brasileiros residindo fora do país, boa parte deles nos Estados Unidos e no Japão sendo grande parcela oriunda da região de Governador Valadares em Minas Gerais. A imprensa se antecipava em divulgar a imigração de brasileiros.

No âmbito acadêmico Unicamp, Centro de Estudos migratórios Scalabrini, Revista brasileira de estudos populacionais e a revista travessia divulgavam artigos científicos sobre brasileiros em outros destinos, como Portugal, Espanha, Itália e outros países.

Assim como a temática da migração está colocada na cidade de Goiânia, também está inscrita nos jornais. O jornal local de maior tiragem é *O Popular*, sinaliza entre 2000 e 2012, a migração internacional quase que em matérias diárias. Há neste informativo uma forte presença da migração para outros países no Estado de Goiás, e em especial da região metropolitana de Goiânia (RMG¹²). Com base no jornal, percebe-se que cidades como Goiânia, Uruaçu, Anápolis e Trindade tem sua contribuição para os fluxos migratórios e apresentam destinos como Portugal, Espanha, EUA, Suíça, Irlanda, Itália e Bélgica.

¹² Compõem a RMG os municípios: Goiânia, Trindade, Goianira, Santo Antônio de Goiás, Nerópolis, Goianápolis, Senador Canedo, Aparecida de Goiânia, Hidrolândia, Aragoiânia e Abadia de Goiás.

Mas há também uma forte demanda de reportagens que estão no âmbito do tráfico internacional de seres humanos. Um crime que engloba 74% pessoas do gênero feminino e que movimenta 9 bilhões de reais e que só perde para o tráfico de drogas e de armas.

É importante lembrar que há uma diferença significativa entre a migração indocumentada e tráfico de pessoas.

Entende-se aqui que migração indocumentada é aquela da qual o migrante parte para outro país apoiado em redes sociais que podem ser de diferentes ordens (familiar, amizade, religiosa e etc). E, nem sempre entram no país de maneira legal, ou seja, os migrantes podem encontrar subterfúgios que os façam cruzar a fronteira e adentrar em outro território. Ainda no sentido de imigrante indocumentado, entende-se que pode ser aquele que entrou de modo legal e que tem seu prazo de permanência no país expirado e assim mesmo permaneça de modo “clandestino”.

Já por tráfico de seres humanos, entende-se que há duas correntes ideológicas. A primeira pautada em uma sociedade euro americana dos idos de 1970 que liga o tráfico exclusivamente à prostituição, entendendo que esta é “assédio sexual, abuso e violência sexual” (Kempadoo: 2005, 58) e as mulheres colocadas nesta situação são vítimas. Compreende-se deste modo que, as mulheres ou são forçadas a terem relações sexuais ou transam “por amor”, descartando-se o desejo sexual autônomo. Tem-se neste modo de pensar paternalismo e machismo colocados, associados a um pensar burguês e imperialista, que ainda são utilizados atualmente para vitimizar e criminalizar a migração internacional feminina.

Por outro lado, em Kempadoo (2005) uma abordagem feminista advinda do “terceiro mundo” aponta que o tráfico é reflexo das “relações de poder estatais, capitalistas, patriarcais e racializadas com a operação da atuação e desejo das mulheres de darem formas as próprias vida e estratégias de sobrevivência” (p.61). Para Kempadoo, as mulheres que dizem ser em traficadas, geralmente, sabem que a migração acordada traz em seu bojo alguma forma de trabalho relacionado ao sexo. Em 1990, a ONU desvincula tráfico de prostituição. Em 1996, segundo a ONU, o tráfico passou a ser entendido como “ comércio e exploração do trabalho em condições de coação e força” (p.65). Atualmente a definição de tráfico é “a situação de trabalho

forçado ou semelhante a escravidão – em função dos quais ocorre o recrutamento e transporte de pessoas dentro do estado ou através das fronteiras nacionais” (p.65). Por conta disso, o crime organizado transnacional recebe vigilância e policiamento global, porém o que move este tipo de violação aos direitos humanos é: “globalização, patriarcado, racismo, conflitos e guerra étnicas, devastação ecológica e ambiental, além da perseguição política e religiosa” (p.78).

A situação do tráfico na cidade de Goiânia inspira maior atenção. Embora ela esteja colocada nos jornais (como podemos visualizar em algumas manchetes selecionadas para compor a tabela abaixo) e seja um assunto que está no meio da sociedade, tratar desse tema com os moradores não é tão fácil como falar dos sucessos de uma migração comum. Diferentemente de tratar sobre os migrantes indocumentados, falar dos traficados é algo velado na cidade. Por esta razão, tive dificuldades em coletar (informações) pessoais (gente que tenha vivido essa experiência), mas não tive problemas em encontrar dados institucionais.

Data	Manchete
14.12.2000	Aliciadas caem no golpe da babá.
10.02.2001	Europa discute escravidão branca
03.04.2001	Interpol procura goiana líder de traficantes de mulheres
21.06.2002	Goiás lidera tráfico de mulheres
06.07.2003	Portugal, nova rota de prostituição
01.09.2004	Aliciadora pega nove anos de prisão
05.05.2005	MPF denuncia nove pessoas por tráfico de mulheres.
06.05.2006	PM e mulher condenados por tráfico de mulheres
14.02.2007	Espanhol acusado de tráfico de mulheres
05.04.2008	Condenada quadrilha que traficava mulheres de Anápolis.
18.03.2009	Presa quadrilha que explorava brasileiras
05.02.2010	Irmãs condenadas por tráfico de mulheres.
11.11.2012	Uruaçu discute tráfico de mulheres

Quadro 3 – Reportagens do jornal *O Popular*

Em contra partida conforme se vai ganhando a confiança dos moradores muitos deles contam alguns casos de seus conhecimentos. Geralmente, após as entrevistas, quando o gravador já estava desligado, os informantes revelavam diferentes histórias, algumas com o olhar de vitimização das mulheres migrantes, outras relatando as experiências vivenciadas por mulheres que foram exploradas.

Essas histórias revelaram locais (ONG's, Pastoral do Migrante, NETP, etc) e pessoas (missionários, pastores, religiosas, ativistas, pais que perderam as filhas no tráfico, etc) que tiveram papel importante no auxílio do processo de construção da cidade de Goiânia como um local de partida para o tráfico de seres humanos com fins na exploração sexual.

Para o tratado de Palermo e para a ONU (Organização das Nações Unidas) há três tipos de tráfico de seres humanos. Um que envolve o trabalho escravo, outro que envolve a exploração sexual e outro referente a venda de órgãos. No caso de Goiânia as informações que se consegue obter é a respeito do tráfico de mulheres jovens com fins na exploração sexual.

Como mencionado anteriormente, na cidade é possível encontrar locais institucionalizados que tratam desse assunto. ONG's, secretarias governamentais, e um núcleo de enfrentamento ao tráfico de pessoas ficam localizados no coração da cidade. A sociedade goianiense passou a se organizar para combater o tráfico de pessoas após os relatos da família Borges Felipe, vir à tona com o caso Simone. Uma jovem que foi traficada e morta pelas aliciadoras no ano de 1996. A partir deste, outros casos começaram a se revelar e então se entendeu da necessidade de locais que auxiliassem as jovem traficadas e suas famílias.

O projeto Brasil Resgate atua na prevenção e combate ao tráfico de mulheres para Suíça. Também auxilia os migrantes retornados, do programa de retorno voluntário, a montarem seu próprio negócio com a verba que recebem do incentivo de retorno.

A ONG Menina dos Olhos de Deus possui casas de apoio a crianças e adolescentes que foram traficadas no Nepal, Camboja e Moçambique. Além disso, atua fortemente na prevenção e combate do tráfico nesses países.

A Pastoral do Migrante, localizada dentro da rodoviária, auxilia as pessoas que migram internamente quando lhes falta roupa, comida e até mesmo a interação do dinheiro para compra das passagens.

O NETP (Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas) tem como objetivo planejar e exercer ações que combatam o tráfico de pessoas. Além disso, garante atendimento as pessoas em situação de tráfico.

Foi no NETP a partir do NETP que concentrei as informações que precisava buscar para este trabalho. Minha primeira visita foi para participar da reunião com os representantes das instituições relacionadas ao combate e prevenção do tráfico. Durante a reunião me chamou atenção o modo como a coordenadora expôs a fragilidade do domínio público sobre esse assunto.

A coordenadora relatou que em momentos diferentes precisou de ajuda de alguns delegados e policiais para alguns casos. Entre um caso e outro, um delegado ou outro tiveram reação de surpresa ao perceberem que estavam tratando de casos de tráfico de seres humanos, deixando em suas atitudes e reações que desconheciam da existência rela deste tipo de crime na cidade. Além disso ativistas que estavam presentes na reunião confirmaram que situações semelhantes lhes ocorreram. Algumas das situações envolviam também magistrados.

Essa situação me remeteu ao discurso de abertura do seminário sobre tráfico de seres humanos – desafios e perspectivas no enfrentamento proferido por Adriana Silva Fernandes. Ela dizia que o Brasil demorou para que a consciência jurídica despertasse para a ofensiva do tráfico. Trazia no discurso que somente em 1993 que o artigo 206 do Código Penal foi alterado, tornando crime o aliciamento de pessoas na imigração e em 1998, o artigo 207 criminalizava o tráfico local de pessoas. Somente com o Protocolo de Palermo que os artigos 231 e 231-A sofreram mudanças, considerando severamente as condutas de tráfico com fins na exploração sexual.

O ápice das idas ao NETP foi o encontro com a psicóloga que atende as mulheres retornadas do tráfico. Ela concedeu entrevista a fim de compartilhar uma teoria. Dizia que as mulheres que migraram em situação de tráfico estavam retornando por causa da crise econômica do euro, porém para adquirirem *status* na sociedade de origem traziam consigo namorados europeus. Além disso, a psicóloga afirmava que muitas mulheres voltavam e

escolhiam (juntamente com os parceiros) a região sul para se fixarem, pois apresentava características que se assemelhavam as condições de clima e qualidade de vida europeia.

Psicóloga: Mas aí, olha só, vamos pensar de uma outra forma, porque você está fazendo dois caminhos, e dois caminhos interessantíssimos. (..)Porque olha só, as traficadas tem vindo e tem ido pra onde? Pra cidades como a sua! Você podia começar a fazer essa pesquisa lá, de meninas que foram para Europa, sejam elas traficadas ou não, mas foram na tentativa migratória e voltaram com seus prêmios, homens europeus como seus maridos e que agora são migrantes na nossa terra. (...) Porque assim, nós hoje aqui estamos trabalhando o tráfico, mas também o olhar, a dimensão da migração que são esses homens que tem voltado. Eu essa semana recebi três meninas da Espanha e as três pedindo ajuda pra trazer seus companheiros espanhóis que não querem ficar mais lá, que não tem trabalho lá, que estão passando fome lá e que não estão ganhando mais que 42 euros por relação sexual, sendo que ainda tem que pagar uma porcentagem pra clubes ou hotéis, certo? E tem trazido os seus companheiros, ou futuros companheiros, ou namorados como futuro maridos. E é essa a inversão: de ser traficada e agora a migração ao contrário.

Porém outras informações, que também considero importante, vieram somente quando já não havia gravador entre nós. A ativista social, militante e psicóloga relatou as histórias que ouvia das mulheres que atendia (ela não citou nomes).

Problemas como depressão, síndrome do pânico e esquizofrenia são síndromes bastante comuns para quem viveu esse tipo de experiência. Algumas ao lembrarem e narrarem o que passaram na Europa desmaiavam, vomitavam e tinham longos acessos de choro, e outras já haviam tentado o suicídio.

E, embora o tráfico de mulheres seja um assunto que está situado na cidade de Goiânia pude perceber no período em que realizei o trabalho de campo que, algumas as autoridades (poder judiciário e polícia federal, bem como delegados de diferentes polícias¹³) ainda apresentavam dificuldades para compreender que este é um assunto de importância máxima.

¹³ Quando fui participar da reunião do NETP, a coordenadora do núcleo afirmou que em momentos diferentes precisou de ajuda de alguns delegados e policiais para alguns casos. Entre um caso e outro,

O assunto é tão delicado que em maio do ano passado, uma semana após eu retornar para Florianópolis a cidade de Goiânia sediou o II Seminário Internacional de Políticas de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. O seminário estava direcionado à delegados de polícia, juízes e outros magistrados, bem como agentes da polícia federal¹⁴, para que estes pudessem sanar suas dúvidas quanto a este tipo de situação. Além disso, políticas e ações de combate ao tráfico foram discutidas. Foi chamado para prestar depoimento e compartilhar as experiências vividas João José Felipe, pai de Simone Borges Felipe, primeiro caso de tráfico de mulheres para a exploração sexual na cidade de Goiânia. A questão principal do seminário era criar uma política de conscientização social das práticas ilegais de tráfico de pessoas e as campanhas de combate ao tráfico.

As professoras Aldevina Maria dos Santos e Angelita Pereira de Lima da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Goiás que desenvolveram uma pesquisa sobre “Tráfico de mulheres em Goiânia: olhares sobre as necessidades das mulheres traficadas”. Esta pesquisa resultou na produção de um vídeo chamado “Encantos e desencantos em rede” que abre um novo olhar sobre a temática para a cidade de Goiânia. Há também uma outra professora, chamada Telma Ferreira do Nascimento, professora do curso de sociologia na UFG (Universidade Federal de Goiás) que pesquisa sobre tráfico e goianos pelo mundo.

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) concordam que atualmente há uma certa dificuldade para se saber quantos brasileiros vivem no exterior. Segundo o MRE, com base nos dados das embaixadas e consulados brasileiros, existia 2,5 a 3 milhões de brasileiros no mundo residindo fora do país entre os anos de 2008 e 2011. A Organização Internacional Mundial (OIM) aponta outro número,

um delegado ou outro tiveram reação de surpresa ao perceberem que estavam tratando de casos de tráfico de seres humanos, deixando em suas atitudes e reações que desconheciam da existência desta espécie de crime na cidade. Além disso ativistas que estavam presentes na reunião confirmaram que situações semelhantes lhes ocorreram. Algumas das situações envolviam também magistrados.

¹⁴ Inúmeros ativistas, ex-migrantes e estudiosos do tema desejavam participar do seminário (pude visualizar e presenciar isso durante a reunião do NETP pois este era um tema em pauta), porém o número de vagas era reduzido, dirigindo-se assim as vagas para cargos da magistratura e polícia. O local onde o evento ocorreu era pequeno e não comportava os curiosos que não possuíam convites.

entre 1 a 3 milhões. Os dados apresentados pelo IBGE no censo de 2010 estimam em torno de 500 mil brasileiros fora do território nacional.

Reconhece-se aqui que há um desafio para se dimensionar o número de brasileiros no exterior. Entende-se que o censo não abrange uma gama de informações que os consulados conseguem captar como por exemplo, filhos de brasileiros nascidos no exterior. Por outro lado, o censo revela gênero, idade, destino, origem, entre outras informações.

No que nos confere saber para este trabalho o censo (2010) revela que: o número de mulheres vivendo no exterior é maior que o número de homens; que a grande maioria dos imigrantes compõem uma população jovem com idade entre 20 a 34 anos; os principais destinos são escolhidos por laços históricos ou por redes sociais já estabelecidas, sendo esses destinos: EUA (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7%) e Inglaterra (6,2%); a região centro oeste tem 12% do total de migrantes e o estado de Goiás ganha destaque por apresentar 7,2% dos 12%; dos países de destino o estado de Goiás envia 22,6% para os EUA e 19,9% para a Espanha o que justifica inúmeras reportagens no jornal local sobre os dois destinos e a situação de como vivem os migrantes lá, além da facilidade de encontrar pessoas que tenham retornado ou que conhecem alguém que foi ou esteja morando fora do país nesses destinos. E por fim, o censo revela que o estado de Goiás é o maior estado em número de retornados, 5.92% a cada mil habitantes.

Por fim, através do trabalho de campo pude perceber que o jornal *O Popular* revelava questões que iam além dos ofertados oficialmente, que não estavam sendo discutidos por órgãos governamentais de escala local ou/e nacional, ou ao menos não apresentavam dados. O tráfico na cidade é assunto debatido no jornal e as ONG's e seus ativistas que fazem prevenção e o combate ao tráfico estão espalhados pela cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que as migrações são resultados do desenvolvimento econômico e social. Elas promovem desde a erosão das fronteiras tradicionais entre línguas, culturas, grupos étnicos e Estados-nação, bem como a estagnação e desigualdade. Nesta sociedade de migrantes, todos são influenciados, desde familiares e amigos, até as comunidades que emitem e recebem tais migrantes.

Com a globalização, o fluxo de pessoas pelo mundo tornou-se mais intenso, no qual é tido como comum o termo Cidadão do mundo, fácil para aqueles que podem circular livremente, como jogadores de futebol, modelos e empresários, que tem seus passaportes e seus vistos legais diante do controle de migração.

Assim, a migração internacional tornou-se uma das facetas mais complexas do mundo globalizado, pois com a circulação do capital através de mercados transnacionais, há também a intensificação dos fluxos de informação pela internet e pela TV a cabo; além do deslocamento maciço de viajantes, turistas, empresários emigrantes, da qual este último é o que tem mais dificuldade de circular.

As razões para migrar perpassam por inúmeros motivos: ascensão social, estabilidade afetiva, busca de situação econômica estável, desejo de conhecer novos lugares e aventurar-se, entre outros.

A condição de imigrante irregular traz em si diferentes possibilidades de viver e experimentar o processo migratório. São pessoas que adentram a este universo por meio da travessia ilegal da fronteira ou de avião com visto e permanecendo no país com o prazo expirado.

As reportagens aqui comentadas trazem consigo a dificuldade de permanecer indocumentado e apresentam o migrante ilegal como uma ameaça ao país receptor, principalmente pós 11 de setembro de 2001.

A migração feminina trás consigo uma negativização e um olhar de suspeita produzido pela mídia impressa, neste caso o jornal *Correio da Manhã* e *O Popular*. Neste sentido, as reportagens veiculadas pela migração feminina contribuem para que se pense que as brasileiras migrantes sejam prostitutas e se forme um pânico moral na sociedade de destino.

As narrativas por parte dos migrantes são o motor de propulsão para que ocorra um fluxo migratório, tendo em vista que as experiências migratórias se tornam coletivas à medida que são narradas.

No que se refere às representações sobre as brasileiras migrantes a representação no singular da mulher brasileira, associada à questão de tráfico de mulheres e prostituição há uma construção de imagens de extrema sexualização que gera desrespeito e discriminação encobrindo a diversidade de experiências migratórias das mulheres brasileiras, bem como as coloca sob suspeita a migração feminina.

Logo, é notável a diferença do discurso, por exemplo, entre os meios de Portugal e da Inglaterra, no qual os ingleses tendem a evitar, por exemplo, o uso de termos como “imigrante ilegal”, que é mais comum em Portugal, porém muito mais comum na Espanha.

Nesse sentido, podemos entender que a mídia de massa têm papel fundamental na criminalização dos processos migratórios contemporâneos, fortalecendo a falsa ideia de que esse é um processo novo e naturalizando o tratamento do mesmo como um “problema a ser resolvido”.

E os jornais *Correio da Manhã* e *O Popular* fazem parte deste processo. Neles encontramos inúmeras matérias referentes a imigrantes ilegais, prostituição, tráfico, criminalidade, etnia.

No *Correio da Manhã*, a mulher brasileira aparece relacionada a estereótipos atrelados a sensualidade, exotização, morenidade entre outros. A nacionalidade pode determinar a condição de discriminação e xenofobia, tendo em vista a má fama que recebem.

Os migrantes irregulares ocupam empregos considerados pelos nativos inferiores e por se encontrarem em situação clandestina, tornam-se alvo fácil de vulnerabilidade e exploração de mão-de-obra, em particular as mulheres que adentram ao mundo da prostituição. A crise das migrações, também aparece no periódico, de modo a exaltar os migrantes brasileiros deportados do aeroporto de Bajas na Espanha.

O *Popular* evoca a vitimização da migração feminina. Nas reportagens é possível perceber, que a condição de tráfico fica evidente em diferentes situações. Não é atoa, que em uma delas, um delegado fala que independente de a mulher saber ou não, que irá trabalhar como prostituta em outro país, o fato de ter a entrada facilitada, configura tráfico de pessoas. Além disso, o jornal traz os casos que relacionam mulheres e tráfico, como investigações policiais. As notícias ganham longas páginas e às vezes destaque no *layout*.

Por fim, ambos os jornais apresentam o perfil dos migrantes, em particular da mulher brasileira em situações de prostituição e tráfico. As experiências vivenciadas por essas mulheres também são expostas, desde o momento que foram aliciadas até o retorno (quando há) perpassando pelas atividades que deveriam realizar nos bares.

O trabalho de campo sinalizou que Goiânia se insere do global para o local, nas rotas de tráfico, mas também na óptica do cidadão do mundo. O imaginário de que a migração possa ser a saída para a conquista de diferentes sonhos se constroem nas narrativas de migrantes retornados, que “deram certo”. Os relatos de tráfico de pessoas, não intimidam quem pretende migrar, pois além do migrante, em potencial, acreditar que não ocorrerá isso com ele, as redes de aliciamento se dão a partir de pessoas, que fazem parte do convívio do migrante, em geral são irmãs, primas, tias e amigas. As cidades de origem das migrantes estão localizadas na região metropolitana e arredores.

Por fim, infere-se que as ONG's atuam fortemente na cidade, no combate e na prevenção ao tráfico. O tema é bastante caro para a sociedade goiana, e por esta razão há uma secretaria no governo do Estado responsável pelos assuntos de tráfico e migração.

Embora diferentes órgãos, como INE, SEF e Censo, tentem revelar um número preciso de migrantes, em diferentes destinos esse exercício é dificultado pelo número de imigrantes ilegais.

Infere-se também, que as autoridades judiciais não estão preparadas para lidar com situações de tráfico de pessoas, o que acarreta no desenvolvimento dos trabalhos realizados por ONG's e pelo NETP, não recebendo todo o respaldo necessário para efetuarem suas atividades.

O Bairro de Vera Cruz se apresentou como um local em potencial, tanto para a especulação imobiliária como para a revelação de diferentes narrativas acerca das experiências migratórias. Histórias de fracasso migratório não são contadas abertamente, pois doenças sexualmente transmissíveis, abstinência de álcool e sexo e psicoses são sequelas adquiridas por meio da experiência do tráfico, para aquelas que escapam do cárcere.

Enfim, o assunto tráfico de pessoas com fins na exploração sexual só atingiu as camadas sociais mais elevadas, à medida que uma família (Borges Felipe), resolveu publicar o caso da sua filha que foi morta no tráfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda. **Territorialidades na América Latina**. Goiânia:UFG, 2009.

ASSIS, Gláucia de Oliveira e Meriz, Gisele. **Criminalização da migração feminina: a construção das representações e identidades de mulheres migrantes brasileiras na Espanha no período de 2001-2008**. I seminário internacional gênero, sexualidade e mídia: olhares plurais para o cotidiano. 06 e 07 de outubro de 2011UNESP – Bauru/SP.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; MERIZ, Gisele & FRANCISCO, Elton. **Uma análise das redes sociais de Criciúma (SC) e Governador Valadares (MG) para os EUA a partir dos relatos orais**. In: Anais do IV Encontro Regional de História Oral. Disponível em www.cfh.ufsc.br/abho4sul. Acesso em 11 de novembro de 2007.

_____. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Campinas: Tese de doutorado do instituto de filosofia e ciências humanas/UNICAMP, 2004.

_____. **Os novos fluxos de migração internacional da população brasileira e as transformações nas redes familiares e de gênero**. In: Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R.(org.). São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. & SASAKI, Elisa. M. **Teorias das migrações internacionais**. Artigo apresentado na ABEP, Caxambu, outubro de 2000.

Associação Goiana de Imprensa. Goianidade. Goiânia: AGI,1992.

BARATA, Francesc. **Immigración y criminalización em los médios de comuicación**. In: **Flujos migratórios y su (des)control: puntos de vista pluridisciplinarios**/ coord. Por Roberto Bergalli, 2006, ISBN 84-7658-791-0, p. 261-294

BRZOZOWSKI, Jan. **Migração internacional e desenvolvimento econômico**. Revista de Estudos Avançados. Vol 26; nº 75. São Paulo. Maio/junho 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142012000200009&script=sci_arttext. Acessado em 25 de agosto de 2013.

BIGO, Didier. **Criminalization of migrants: the side effects of the Will to control the frontiers and the sovereign illusion**. University of Licester, June 2004.

CAMPOS, Emerson César de. **Vozes da Fronteira: impressões e sentimentosde quem atravessou a fronteira entre México e Estados Unidos (1995-2005)**. In: Anais do IV Encontro Regional de História Oral. Disponível em www.cfh.ufsc.br/abho4sul. Acesso em 11 de novembro de 2007.

CANCLINI, Nestor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARVALHO, Margarida Domingues. **A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa. Uma análise comparativa de dois jornais diários**. Dissertação submetida ao mestrado do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Dezembro de 2007.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The Age of migration — International Population Movements in the Modern World*. London: Macmillan Press, 1998.

_____. **The age of migration. International population movements in the modern world**. 4.ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

CHAUL, Nasr. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

Censo IBGE estima brasileiros no exterior em cerca de 500 mil. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil>. Acessado em 21 de novembro de 2012 às 11h40min.

CINTRA, Marileusa Ataídes. **História de Goiânia**. Portal da Prefeitura de Goiânia. Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/site/index.html>. Acessado em 4 de setembro de 2011 às 13h20min.

COHEN, R. **Diasporas and the State: from victims to challengers**. *International Affairs*, v.72, n.3, p.507-20, July 1996.

COGO, Denise. **MÍDIA, INTERCULTURALIDADE E CIDADANIA - Sobre políticas midiáticas e visibilidade das migrações internacionais no cenário brasileiro**. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação para a Cidadania, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

DOSSE, François. O tempo presente. In: **A História**. Bauru/SP:EDUSC, 2003, p.173 – 177.

Entrevista com Elie Chidiac, secretário de assuntos internacionais do governo do Estado de Goiás. **Migrações e relações internacionais**. Revista UFG. Goiânia: julho de 2011. Ano XIII nº 10, p.155-164.

FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira & CHAVEIRO, Eguimar Felício. **A viagem como experiência geográfica: as imagens dos migrantes goianienses que vivem em San Francisco – Califórnia – EUA**. Relatório anual do PNUD, 2009.

FERREIRA, Marieta Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Revista Topoi. Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p.314 a 332.

Fusco, Wilson. **Capital cordial : a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. Campinas: tese de doutorado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / UNICAMP, 2005.

_____. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. Campinas: Núcleo de Estudos de População N°40/ UNICAMP, 2001.

_____. **Redes sociais na migração entre Governador Valadares e os Estados Unidos**. In: Migrações internacionais: Contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.

HALL, Stuart. A identidade em questão: Nascimento e morte do sujeito moderno. In: **a identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 7 – 46.

Instituto nacional de estadística da España. **Censo de la población de España en 1990**. Madrid: Dirección General del Instituto Geografico y Estadístico. Disponível em: http://www.ine.es/daco/daco42/censo91/cen91_tablas.htm.

JESUS, Diego Santos Vieira & Fernandes, Verônica Daminelli. **Do terror suicida ao bárbaro: mídia e exclusão na política externa brasileira – o 11 de setembro segundo o Globo e a Folha de São Paulo**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.31, nº61, p.251-270, 2011.

_____. **Censo de la población de España en 2001**. Madrid: Dirección General del Instituto Geografico y Estadístico. Disponível em: <http://www.ine.es>

KEMPADOO, Kamala . **Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres**. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.55-78.

KOSELLECK, R. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: **Futuro Passado: contribuição semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC/RJ: 2006, p.305-327.

LEAL, Maria Lúcia e LEAL, Maria de Fátima (orgs). **Pesquisa sobre o tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial – PESTRAF**. Relatório Nacional. Brasília: CECRIA, 2002.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra & SOUSA, Sônia M. Gomes. **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo. Goiânia: PUC, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p.111 a 154.

LUCCI, Elian Alabi. **Território e sociedade no mundo globalizado**. Vol 2 e 3. São Paulo:Saraiva, 2010.

MACHADO, Igor José De Renó. Imigração em Portugal. In: ESTUDOS AVANÇADOS 20 (57), 2006.

MACHADO, L. A. Uma cidade no sertão. In: FILHO, M. F. L.; MACHADO, L. A. (Orgs.). **Formas e tempos de cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial; Ed. UCG, 2007.

Margolis, Maxine L. **Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos**. In: MARTES, Ana Cristina & FLEISCHER, Soraya (org). *Fronteiras curzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.51-72.

_____. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. São Paulo: ed. Papyrus, 1994.

MARINUCCI, Roberto. Feminização das migrações? Disponível em http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf. Acessado em 28 de agosto de 2013.

MARTES, Ana Cristina Braga & FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____ & SOARES, W. Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.20, n.57, p.41-54, 2006.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachussets**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

MERIZ, Gisele. **Sonho Frustrado: migrantes brasileiros deportados dos EUA**. Monografia defendida para a obtenção do título de bacharel em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. 2007.

NETO, Helion Póvoa. **A criminalização das migrações na nova ordem internacional**. In: NETO, Helion Povia e FERREIRA, Ademir Pacelli (org). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Renan, 2005, p.297-309.

PARRENÃS, Rachel Salazar. “**Entre as mulheres – Desigualdades de trabalho doméstico e de gênero entre as migrantes na nova economia global**”. *Concilium* 298 – 2002/5, p. 28-41.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (orgs). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: ED. FGV, 1996, p.211 – 214

PATARRA, N. L. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.19, n.3, p.23-33, jul./set. 2005.

_____. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. Estudos Avançados .vol.20 no.57 São Paulo May/Aug. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002. Acessado em 13 de agosto de 2013.

PATARRA, N. L. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais**. Estudos Avançados, São Paulo, v.20, n.57, p.7-24, 2006.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim & CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Sujeitos não desejados no espaço planejado: disputa de territorialidades na construção de Goiânia, GO**. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Territorialidades na América Latina**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009.

PEREIRA, Antônio Garcia *et al*. **Globalizações: novos rumos no mundo do trabalho**. Florianópolis: UFSC, SOCCIU, 2001.

PEREIRA, Juliana dos Santos. **As Meninas do Pequim fora do Sertão: goianas imigrantes em Lisboa**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social e Cultural. Universidade de Lisboa, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Gênero no mercado do sexo. In: **Cadernos Pagu – Mercado do sexo**. Campinas: Unicamp, 2005, p. 7 – 23.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINTO, Juliana Vilela. **A representação do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense**. Universidade Vale do Rio Doce. Dissertação de mestrado apresentada ao programa Gestão Integrada do Território. Governador Valares/MG. Abril de 2011.

PONTES, Luciana. **Mulheres brasileiras na mídia portuguesa**. Cadernos pagu. Nº 23, julho-dezembro de 2004, p.229-256

Relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. 2011. Disponível em http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf. Acessado em 19 de outubro de 2012 as 15h27min.

Resultados do censo demográfico de 2010. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_d

a_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em 21 de novembro de 2012 as 11h53 min.

REVISTA OESTE. Goiânia: Agepel, 2001. CD-ROM.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O que faz o Brasil, Brazil. Jogos identitários em San Francisco**. Brasília, 1998.

RIPOLL, E. M. **O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.25, n.1, p.151-65, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa *et al.* **Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 87, Dezembro 2009: 69-94.

_____. *et al.* **Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação**. Disponível em <http://rccs.revues.org/1447>. Acessado em 31 de maio de 2013.

SALES, Teresa. **A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA**. In: São Paulo em Perspectiva, v.19, n.3, p.44-54, jul/set. 2005.

_____. **Segunda geração de emigrantes brasileiros nos EUA**. In: Migrações internacionais: Contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.

_____. **Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Nº9(1), 1992, p.51-63

_____. **Novos fluxos migratórios da população brasileira**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.8, n.1/2, p.21-32, 1991.

_____. & REIS, Rosana R. (org). **Cenas do Brasil migrante**. SP: Boitempo, 1999, p.167-192.

SILVEIRINHA, Maria João e CRISTO, Ana Teresa Peixinho de. **A construção discursiva dos imigrantes na imprensa**. Revista crítica de ciências sociais, nº 69, outubro de 2004, p.117-137.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Estados, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos**. Florianópolis: tese de doutorado do programa de pós-graduação em geografia – desenvolvimento regional e urbano / UFSC, 2007.

SILVA, Adriano Larentes da. **Migrações internacionais e mundos do trabalho: brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008)**. Tese de

doutorado apresenta ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SILVA, Reijane Pinheiro da. **O sertanejo além-mar: identidade regional e imigração goiana na república da Irlanda**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011.

SILVEIRINHA, Maria João e CRISTO, Ana Teresa Peixinho de. **A construção discursiva dos imigrantes na imprensa**. Revista crítica de ciências sociais, nº 69, outubro de 2004, p.117-137.

STARK, O.; BLOOM, D. E. **The new economics of labor migration**. *The American Economic Review*, v.75, n.2, p.173-78, May 1985

STARK, O.; TAYLOR, J. E. **Relative deprivation and international migration**. *Demography*, v.26, n.1, p.1-14, Feb. 1989.

Tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. Brasília : OIT, 2006.

TÉCHIO, Kachia. **Imigrantes brasileiros não documentados: uma análise comparativa entre Lisboa e Madri**. Disponível em <pascal.iseg.utl/pt~socius/index.htm> Acesso em 06/03/2012 as 9h30min.

VENSON, Anamaria Marcon. **Rotas do desejo. Discursos midiáticos sobre prostituição como estratégia migratória e tráfico de mulheres para a exploração sexual na rota Brasil-Espanha (1997-2007)**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. ST 65 – Os paradoxos das migrações internacionais: suas dimensões étnicas, de classe e de gênero. Florianópolis, 25-28 de agosto de 2008

VOLDAM, Daniele. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.